

REVISTA
ARTE
CEARÁ

9ª Edição / dezembro / 2022

PINTURA
ESCULTURA
FOTOGRAFIA
GRAVURA
TÉCNICAS MISTAS
OBRAS ARQUITETÔNICAS

ISSN 2525387-5
02022
9 772525 387003

N I C E F I R M E Z A



0800 570 0800
www.ce.sebrae.com.br



EU SOU O BRASIL

que enriquece a cultura e o mercado.

A procura por leilões e a abertura de novas galerias em 2021 mostra que o mercado artístico continua crescendo em nosso país. E com o apoio do Sebrae, os empreendedores da arte terão acesso às melhores soluções para prosperar cada vez mais.*

*Fonte: artebrasileiros.com.br

Sebrae 50 anos
50+50
Criar o futuro é fazer história

SEBRAE

A força do empreendedor brasileiro.

APRESENTAÇÃO



**VANDO
FIGUEIREDO**
ARTISTA PLÁSTICO

TEMPO DE DESPERTAR

A pesar de tudo que passou, a vida continua em sua constante pulsação. Diante de tantos cenários, este foi o sentimento que me veio quando partimos para a 9ª edição da Revista Arte Ceará. Não só em nosso estado, mas no mundo inteiro, penso que a arte nunca tenha se revestido de tanta importância. Logo porque, de formas variadas, a arte habita o interior de todos, dialogando com a nossa alma nas mais variadas formas e expressões, nos despertando muitos sentidos para celebrar a vida por todos os ângulos e perspectivas, e nos ajudando a abraçar com entusiasmo o tempo presente. Lembro de um lindo trecho do escritor Rubem Alves: “A gente fica esperando que a alegria haverá de chegar depois da formatura, do casamento, do nascimento, da viagem, da promoção, da loteria, da eleição, da casa nova, da separação, da aposentadoria... E ela não chega porque a alegria não mora no futuro, mas só no agora.” Agradecemos a todos os profissionais envolvidos e, sobretudo, aos nossos patrocinadores que fazem essa publicação acontecer com tanta qualidade embarcada.

Boa leitura!



Capa: Crianças colhendo flores no campo / Guache sobre cartão, 31,5 x 23 cm, 1990. (Acervo MAUC)



Acesse nosso site

A versão impressa da 9ª edição da Revista Arte é uma publicação, com edição limitada, que pode ser encontrada nos seguintes locais:

1. Galeria Multiarte / Rua Barbosa de Freitas, 1727 / Fone: 85 3261.7724
2. Galeria Mariana Furlani / Rua Canuto de Aguiar, 1401 / Fone: 85 3242.2024
3. Galeria Danielle Araújo / Rua Vicente Leite, 1026 / Fone: 85 3264.7066
4. Farben Design Haus / Rua Tomás Acioli, 1320 / Fone: 85 99964.0400
5. Mauc / Av. da Universidade, 2854/Benfica / Fone: 85 3366.7481
6. Mondrian / Rua Dona Leopoldina, 782 / Fone: 85 2180.4906
7. Galeria Leonardo Leal / Rua Visconde de Mauá, 1515 / Fone: 85 3111.5378
8. Ponto de Vista / Rua Des. Leite Albuquerque, 240 / Fone: 85 3224.7142
9. Terra Brasilis / Rua Ana Bilhar, 1001 / Fone: 85 3242-5038
10. Baobarte / Rua Pereira Valente, 1569 / Fone: 85 99131.0018
11. Casa Bayusha / Rua Barão de Aracati, 1100 / Fone: 85 99809.3759

APOIO CULTURAL:



UNIVERSIDADE
DE FORTALEZA
ENSINANDO E APRENDENDO

BookMaker
editora

comercial@revistaarteceara.com.br

EDITOR **Júnior Gomes**

EXECUTIVA COMERCIAL **Líliá Quinderé**

CURADORIA **Vando Figueiredo**

CONSULTORIA DE ARTE **Ignês Fiúza**

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Mirtila Facó - MTb 2803/CE

EDIÇÃO DE IMAGENS **Carlos Rios**

ORGANIZAÇÃO E PESQUISA
Juliana Gomes

FOTO CAPA **Chico Gadelha**

REVISÃO **Yerlon Magalhães**

IMPRESSÃO **Sobral Gráfica**

EDITORIAL DE ENCERRAMENTO
Élcio Batista

OBRAS ARQUITETÔNICAS
TÉCNICAS MISTAS
GRAVURA
FOTOGRAFIA
ESCU LTURA
PINTURA

FEIRA

#6

NICE FIRMEZA
A SENSIBILIDADE
DE UMA ARTE QUE
INSPIRA, ENSINA E
RETRATA A VIDA EM
SUA PLENITUDE



#26

**BEATRIZ
CARVALHO**
ARTE-EDUCAÇÃO E
MEDIÇÃO CULTURAL



#20

DIEGO DE SANTOS
A ARTE DO
COTIDIANO:
QUANDO A VIDA
É A INSPIRAÇÃO



#12

**JACINTA
CAVALCANTE**
RETRATANDO O
COTIDIANO COM A
BELEZA E A FORÇA
DAS ESCULTURAS



#28



ARTE RENDEIRA
DOIS ARTESÃOS
CEARENSES ESTÃO
ENTRE OS 100
MELHORES DO BRASIL



#24

**GUIOMAR
MARINHO**
COM FIOS E AGULHA,
PINTANDO AS CORES
DA FAUNA E FLORA
DO NORDESTE



#16

**PROJETO CORES
DA ARTE**
A ARTE VISTA E
SENTIDA COM OS
OLHOS DO CORAÇÃO



#32

**KRAFT ESPAÇO
CULTURAL**
PRODUZINDO,
DIVULGANDO E
PROMOVENDO A ARTE
CONTEMPORÂNEA



#42
ACERVOS UNIFOR
 RARIDADES DAS
 ARTES E DA
 LITERATURA
 MUNDIAL



#60
CARLOS OTÁVIO
 EXPERIMENTAÇÃO
 ARQUITETURA E ARTES
 PLÁSTICAS: CONEXÕES
 QUE REPRESENTAM
 SENSIBILIDADE E FORÇA

#36
**COLETIVO
 IN-GRAFIKA**
 PENSANDO A GRAVURA
 NA CONTEMPORANEIDADE
 SEM SE AFASTAR DAS
 TÉCNICAS TRADICIONAIS



#54
**DESENHOS
 DE BANDEIRA**
 EXPOSIÇÃO
 REALIZADA NA
 SCULPT GALERIA



#48
WILLIAM MOPHOS
 RELAÇÕES VISUAIS E
 EMOCIONAIS
 EM SUPERFÍCIES
 INUSITADAS



#63
**TANIA
 VASCONCELOS**
 UM FINAL FELIZ PARA
 O CASO DA MULHER
 RENDEIRA

#39
**SANDRA
 MONTENEGRO**
 OBRAS INSPIRADAS NA
 SUBJETIVIDADE E NAS
 FORMAS DO SER HUMANO



#58
WELTON SILVA
 SENTIMENTOS,
 SONHOS, COTIDIANO
 E ESPIRITUALIDADE



#50
EDUARDO FROTA
 UTOPIA PARA UM
 MUSEU DE ARTE
 CONTEMPORÂNEA:
 GEOMETRIA IMPERFEITA /
 CAVIDADES DILATADAS



#66
ÉLCIO BATISTA
EDITORIAL
 EM BUSCA DE UMA
 ARTE CEARENSE



NICE FIRMEZA

A SENSIBILIDADE DE
UMA ARTE QUE INSPIRA,
ENSINA E RETRATA A
VIDA EM SUA PLENITUDE

A arte é, sem dúvida alguma, sinônimo de sensibilidade. Alguns artistas, porém, conseguem elevar ao máximo esse conceito, criando, muitas vezes, um novo tempo e um novo mundo. Maria de Castro Osório, a nossa querida e sempre doce e generosa Nice Firmeza, nasceu em Aracati, município do Litoral Leste cearense, em 18 de julho de 1921. Ainda em sua cidade natal, incentivada por irmã Margarida, uma das freiras que trabalhava em seu colégio e única pessoa que lecionava desenho no município, começou a ter seus primeiros contatos com a pintura. Algo, entretanto, deixava a então garotinha descontente, já que a professora

impedia que as alunas criassem seus desenhos, incentivando apenas a cópia. Mas Nice não se deixou levar pela proibição e passou a fazer seus próprios trabalhos, o que contrariava a regra imposta pela professora e não a permitia ter os desenhos apresentados nas exposições promovidas pela escola.

MUDANÇA PARA A CAPITAL

No ano de 1933, com doze anos de idade, muda-se com a família para Fortaleza. Na época, a principal razão da vinda para

a capital cearense foi que sua mãe desejava fazer um curso de enfermagem e o mesmo não era oferecido em Aracati. Por ironia do destino, talvez, passam a morar no bairro Jacarecanga, no mesmo prédio de João Maria Siqueira, um dos pintores “scapianos”. Foi ele que conseguiu que a direção da entidade aceitasse Nice como aluna. E é assim que, na década de 1950, ela começa a fazer parte do Curso Livre de Desenho e Pintura e de Iniciação à História da Arte, da Sociedade Cearense de Artes Plásticas

NICE REVOLUCIONOU AO SER A PRIMEIRA MULHER A ENTRAR PARA A SCAP. SEU PAPEL FOI ESSENCIAL PARA O PROTAGONISMO FEMININO, JÁ QUE ABRIU CAMINHO PARA OUTRAS MULHERES QUE DESEJAVAM SEGUIR CARREIRA ARTÍSTICA.



SEM TÍTULO / ACRÍLICA SOBRE PAPEL 17 x 24 cm, 1985 (ACERVO: ERIKO CAMPOS)



SEM TÍTULO, MISTA SOBRE PAPEL, 36 X 26 cm, s.d (Acervo Homero Silva).

(SCAP), entidade criada em Fortaleza, em 1944, com o intuito de fortalecer e desenvolver a Arte Moderna no Ceará. Nice revolucionou ao ser a primeira mulher a entrar para a SCAP, em uma época em que só cabia cuidar da casa e educar os filhos. Pode-se dizer que seu papel foi essencial para o protagonismo feminino, já que abriu caminho para outras mulheres que desejavam seguir carreira artística.

DEDICAÇÃO E TALENTO

Com grande conhecimento teórico, especialmente na área da educação, exerceu as funções de secretária e bibliotecária da SCAP, cuidou do seu acervo, e, entre 1953 e 1954, acompanhou a criação da Escola de Belas Artes da SCAP. Nice também atuou como arte-educadora, ensinando para crianças no Conservatório de Música Alberto Nepomuceno e nos "Domingos das Crianças", no Passeio Público - projeto do Departamento de Educação da Prefeitura de Fortaleza à época. Além de ser o local onde Nice mostrou todo seu talento com o mundo da arte e tudo que a ele se relacionava, foi na SCAP que conheceu seu grande amor e companheiro de vida: o

NICE PARTICIPOU DE INÚMEROS SALÕES DE ABRIL (1951, 1958, 1968, 1971 E 1978) E EXPÔS NA INAUGURAÇÃO DO MUSEU DE ARTE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (MAUC), EM 1961.

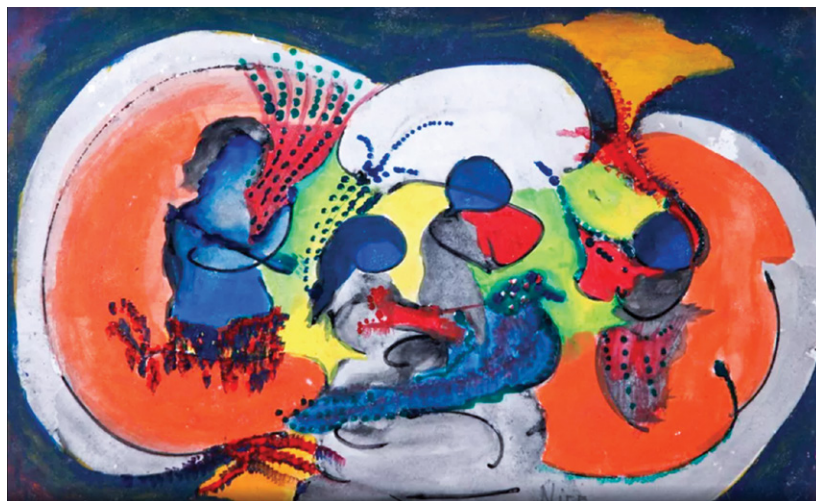


SEM TÍTULO, BORDADO APLICADO EM MADEIRITE, 18 x 18 cm, s.d (Acervo Homero Silva).

pintor e ilustrador Nilo de Brito Firmeza, o Estrigas. Compartilhando amor, companheirismo e muita arte, o casal viveu junto por mais de meio século. Os dois tinham em comum o gosto pelo simples, pelo bucólico e por tudo que transmitisse serenidade e paz. E foi com esse intuito que, após o casamento, na década de 1960, decidem se mudar para um sítio no bairro Mondubim, em Fortaleza. E lá, entre livros, plantas e o silêncio que os inspiravam, construíram uma linda história.

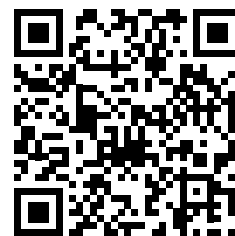
TEMÁTICAS ESCOLHIDAS

Conhecer as obras de Nice Firmeza é ter a oportunidade de entrar em contato com um mundo de alegria, felicidade e muitas cores. Crianças e vários tipos de plantas e flores eram temas recorrentes em seus trabalhos. Por seu estilo, destacou-se na arte Naif, marcada pela simpli-



SEM TÍTULO / DESENHO SOBRE PAPEL, 23 x 32 cm, s.d.

cidade. A artista também era exímia bordadeira, a chamada mestre na “pintura em linha”. Com maestria e com formas e cores exuberantes, elevou o bordado à categoria de linguagem artística. Seus bordados renderam uma exposição especial em 2005, intitulada “Mandalas”.



+ SOBRE A ARTISTA



SOBRE A NICE FIRMEZA

- Pintora, desenhista e professora de arte infantil, Nice Firmeza nasceu em Aracati, no Ceará, em 1921;
- Primeira artista mulher a ingressar na Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP);
- Foi arte-educadora, ensinando para crianças no Conservatório de Música Alberto Nepomuceno e nos “Domingos das Crianças”, no Passeio Público - projeto do Departamento de Educação da Prefeitura de Fortaleza à época;
- Por seu estilo de trabalho, Nice destacou-se na arte Naif, marcada pela simplicidade;
- Juntamente com o marido, pintor e ilustrador Nilo de Brito Firmeza, o Estrigas, criou, em 1969, o Minimuseu Firmeza.

MINIMUSEU FIRMEZA

Generosos e sempre dispostos a fazer com que a arte alcançasse um número cada vez maior de pessoas, o casal criou, em 1969, o Minimuseu Firmeza em seu sítio no Mondubim. No acervo do local, mais de 600 peças – entre pinturas, desenhos e esculturas – em sua maioria de artistas cearenses, entre eles: Vicente Leite, Aldemir Martins, Chico da Silva, Zenon Barreto, Barrica, Mário Barata, Heloisa Juaçaba, Sérvulo Esmeraldo e Hélio Rôla. O acervo possui, ainda, reproduções, catálogos, recortes de jornais, livros relacionados às artes no Ceará, além de abrigar as obras do casal de artistas. Nice Firmeza faleceu em abril de 2013, aos 91 anos; seu legado e seu enorme gosto pela vida, porém, continuam inspirando e emocionando.



Foto: Thiago Matine



arte + cultura + social

JACINTA CAVALCANTE

RETRATANDO O
COTIDIANO COM A
BELEZA E A FORÇA DAS
ESCULTURAS



Quem diria que a terra vermelha do açude próximo de casa viraria inspiração para que Jacinta Cavalcante, mesmo sem saber, elaborasse suas primeiras esculturas? “Fazia sem noção de que eram esculturas: construía meus brinquedos, animais, panelas de barro, xícaras – claro que tudo muito rústico e sem técnica nenhuma. Só lembro que era gostoso o ato de fazer, materializar e tornar concreto o que estava na minha imaginação”, recorda. Nascida na cidade de Pedra Branca, no sertão central do Ceará, ela diz que cresceu dizendo para si mesma que seria artista e que faria faculdade de Belas Artes. “A gente vai crescendo e percebe que a vida não é do jeito que a gente quer, mas, por outro lado, ninguém consegue fugir do seu destino”, diz.

NASCIDA NA CIDADE DE PEDRA BRANCA, NO SERTÃO CENTRAL DO CEARÁ, JACINTA DIZ QUE CRESCER DIZENDO PARA SI MESMA QUE SERIA ARTISTA E QUE FARIA FACULDADE DE BELAS ARTES.



MÃOS MONALISA, 2019



MACAMBÚZIO, 2020

O tempo passou, Jacinta se formou em odontologia, mas nunca conseguiu se distanciar das artes. Na própria graduação, percebeu que, na grade curricular, existiam disciplinas de escultura dental, fundição de metais e moldagem de próteses, o que, para ela, eram verdadeiras aulas de arte. “Baseada nessas aulas, eu fazia minhas esculturas em resina acrílica odontológica, esculpia em ceras odontológicas”, diz. Aos poucos, mais ligada propriamente ao segmento artístico, foi se capacitando com diversos cursos, alguns de curta duração e outros mais longos. Participou de cursos de aquarela, pintura em acrílica, a óleo, escultura em resina, escultura em cerâmica, gravura, litografia, entre outros.

Logo que concluiu o curso de graduação em odontologia, Jacinta decidiu que, quando se aposentasse, iria dedicar-se inteiramente às artes plásticas. Mas a vida, sempre uma caixinha de surpresas, decidiu mudar os rumos da história. “Há quatro anos, tive um diagnóstico de câncer de mama – hoje, ainda em tratamento. E, nessa experiência de quase morte, decidi não esperar a aposentadoria. Não somos donos do nosso tempo, não é mesmo? Não tive medo de morrer, mas de ter passado por essa vida e não ter feito o que eu queria muito: fazer arte”, emociona-se. Atualmente, Jacinta trabalha com escultura, com a técnica da modelagem, que é o processo de adicionar massa, algumas obras com plastilina e

outras com argila. “Tenho feito muitas esculturas em cerâmica, uma atividade que tem me dado muito prazer. A argila tem um tempo de umidade diminuído aqui em Fortaleza, pela alta temperatura da nossa cidade, diferentemente da plastilina, onde temos todo o tempo do mundo para concluir uma escultura”, explica.



MONALISA FAT, 2020



+ SOBRE A ARTISTA



O SOL, 2022

Sobre a inspiração para os trabalhos, a artista diz que vem de tudo que está a nossa volta. “Pode ser uma figura humana, um animal, uma imagem de revista, uma cena do cotidiano, uma fotografia, um objeto, um livro que você leu, um filme que assistiu ou memórias guardadas. Às vezes, escolho um tema quando quero fazer uma série. No momento, estou executando uma série, “Os Invisíveis”, inspirada em cenas do nosso cotidiano, momento econômico pelo qual estamos passando”, pontua. Sobre os projetos para 2023, a cearense nos adianta que deseja inaugurar seu atelier e realizar sua primeira exposição individual. ●

“HÁ QUATRO ANOS, TIVE UM DIAGNÓSTICO DE CÂNCER DE MAMA, HOJE, AINDA EM TRATAMENTO. E, NESSA EXPERIÊNCIA DE QUASE MORTE, DECIDI NÃO ESPERAR A APOSENTADORIA, NÃO SOMOS DONOS DO NOSSO TEMPO NÃO É MESMO?”



A LUA, 2021



@farben.dh

A FARBEN É UMA GALERIA COM ESPAÇO ABERTO PARA A REVELAÇÃO DE NOVOS TALENTOS, PROMOVEDO CURSOS E TREINAMENTOS VOLTADOS PARA ARTISTAS, DESIGNERS DE INTERIORES, MODA E DESIGNERS GRÁFICOS.

RICARDO VALLE



Foto/Danilo Tatagiba

Rua Tomás Acioli, 1320, Fortaleza-CE /85 99964.0400

ARTE CLÁSSICA,
MODERNA E
CONTEMPORÂNEA



PROJETO CORES DA ARTE

A ARTE VISTA E SENTIDA COM
OS OLHOS DO CORAÇÃO

A arte é, sem dúvida, uma das mais sensíveis e eficientes formas de mudar e transformar totalmente realidades. Prova disso, é o Projeto Cores da Arte, criado em 2018, por meio de uma parceria entre o artista plástico Dias Brasil e a Sociedade de Assistência aos Cegos do Ceará (SAC). Tendo o primeiro contato com a arte aos doze anos, durante um curso de pintura no Colégio Batista, Dias Brasil logo percebeu sua vocação. De lá para cá, decidiu dedicar-se completamente ao segmento. Formado em Artes Visuais pelo Núcleo de Pós-Graduação e Educação na Universidade de Fortaleza (Unifor), e já tendo cursado fotografia e cinema na Casa Amarela (UFC), com Eusélio Oliveira, resolveu, a partir de 2017, assumir a arte como missão e propósito de vida.



O CORES DA ARTE
ABORDA A INCLUSÃO
E A IGUALDADE PARA
PESSOAS CEGAS
ATRAVÉS DA ARTE,
NAS CATEGORIAS DE
HISTÓRIA DA ARTE,
DESENHO E PINTURA.

E foi assim que o Cores da Arte foi apresentado ao mercado. A iniciativa, já com grande aceitação do público e da crítica, aborda a inclusão e a igualdade para pessoas cegas através da arte, nas categorias de história da arte, desenho e pintura. “Acredito no poder de transformação que a arte tem. Nesse sentido, o projeto proporcionou aos participantes vivências criativas e coletivas, promovendo e estimulando a produção artística, melhorando a autoestima e a autoexpressão dos envolvidos, tornando-os ‘Artistas Invisuais Independentes’”, explica. Ao todo, participam cinco artistas cearenses, sendo eles: Andriola, Ariel, Kiko, Souza Ana e Sant’Ana, que ultrapassam as limitações e mostram enorme talento.

Além de ser uma grande vitrine para apresentar trabalhos ao público, o Cores da Arte, é, ainda,



**DIAS BRASIL - O PODER
TRANSFORMADOR DA ARTE**

gerador de trabalho e renda, uma vez que as obras produzidas são comercializadas. “Fico feliz ao vê-los, em tão pouco tempo, apresentarem trabalhos autorais



SANT'ANA - ARTISTA INVISUAL
OBRA ESPIRAL, TÉCNICA MISTA
42 X 30 cm / 2022



ANDRIOLA - ARTISTA INVISUAL
OBRA QUADRADOS, POSCA S/ CANSON
42 X 30 cm / 2021

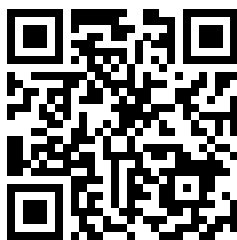


ARTISTAS PARTICIPANTES - O OLHAR DO CORAÇÃO NO FAZER ARTÍSTICO

tão bons, pois eles nunca desenharam antes. Foi bem desafiador, mas extremamente prazeroso”, orgulha-se Dias. Para que o projeto fosse criado, uma metodologia de ensino foi desenvolvida do zero, afinal, os participantes não possuíam referências artísticas para facilitar o processo. Sendo assim, foram realizadas aulas de teoria e história da arte apenas com o uso de materiais sonoros, além de visitas a exposições artísticas com o auxílio de recursos de acessibilidade. Um dos diferenciais do método de aprendizagem de

Dias é a utilização de memórias anteriores à perda de visão. Para os artistas, os olhos do coração passam a ser grandes substitutos dos olhos físicos, afinal, a arte, mesmo não sendo vista por eles, é sentida de todas as formas, em todas as suas nuances.

O talento dos **“Artistas Invisuais”** já pôde ser visto em diversas exposições no Mauc e Art Lab Gallery, em São Paulo; Museu da Moda de Belo Horizonte; Espaço Cultural Ana Amélia, localizado no Hotel Sonata de Iracema, e Sobrado Dr. José Lourenço, ambos na capital cearense. Além disso, tiveram a oportunidade de participar do primeiro Catálogo Inclusivo da Universidade Federal do Ceará (UFC), o Calendário Resignificarte 2022, elaborado pela FTD editora. Agora, o Projeto Cores da Arte segue em nova parceria, com o Instituto Caviver. ●



+ SOBRE O PROJETO



ARIEL - ARTISTA INVISUAL
OBRA ROSTO TÉCNICA MISTA
30 X 20 / 2021



SOUZA ANA - ARTISTA INVISUAL
OBRA TREPadeiras, POSCA SOBRE TELA
35 X 35 / 2021



KIKO - ARTISTA INVISUAL
OBRA FLORESTA, POSCA SOBRE TELA
35 X 35 / 2019

Consultoria de Arte Personalizada

Andréa Dall'Olio + Lillia Quinderé



arte
SIM

85 98186.8955

📷 [consultoriaartessim](#)

DIEGO DE SANTOS

A ARTE DO COTIDIANO:
QUANDO A VIDA É A
INSPIRAÇÃO

Iuventividade sempre foi a palavra que marcou a vida do cearense Diego de Santos. Nascido no município de Caucaia, local onde vive até hoje, é formado em Artes Plásticas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará.

Segundo ele, a relação com a arte aconteceu de forma muito natural, pois, desde muito criança, produzia desenhos e pinturas. “Mas foi depois de entrar na faculdade, em 2004, que iniciei o que podemos entender como pesquisa e produção de um corpo de trabalho em arte”, conta. Ao longo do tempo, Diego foi experimentando diversas linguagens artísticas, entre elas: desenho, pintura, escultura, objeto, instalação, vídeo e fotografia.

DESDE CRIANÇA
PRODUZIA DESENHOS,
PINTURAS E OUTRAS
COISAS LIGADAS A
INVENTIVIDADE. MAS
FOI DEPOIS DE ENTRAR
NA FACULDADE QUE
INICIEI O QUE PODEMOS
ENTENDER COMO
PESQUISA E PRODUÇÃO
DE UM CORPO DE
TRABALHO EM ARTE.



SEM TÍTULO - SÉRIE CÉU DE VIDRO, 2013

“Nos últimos projetos tenho apresentado obras em desenho, fotografia, instalação e, pela primeira vez, pintura”, afirma. Conforme revela, a escolha da técnica se dá a partir dos materiais utilizados, uma vez que eles acabam indicando qual processo viabiliza melhor o trabalho. O artista sempre busca elementos presentes no cotidiano, como caneta esferográfica, papel de impressora, sua própria carteira de trabalho, conchas e faixas de ráfia.

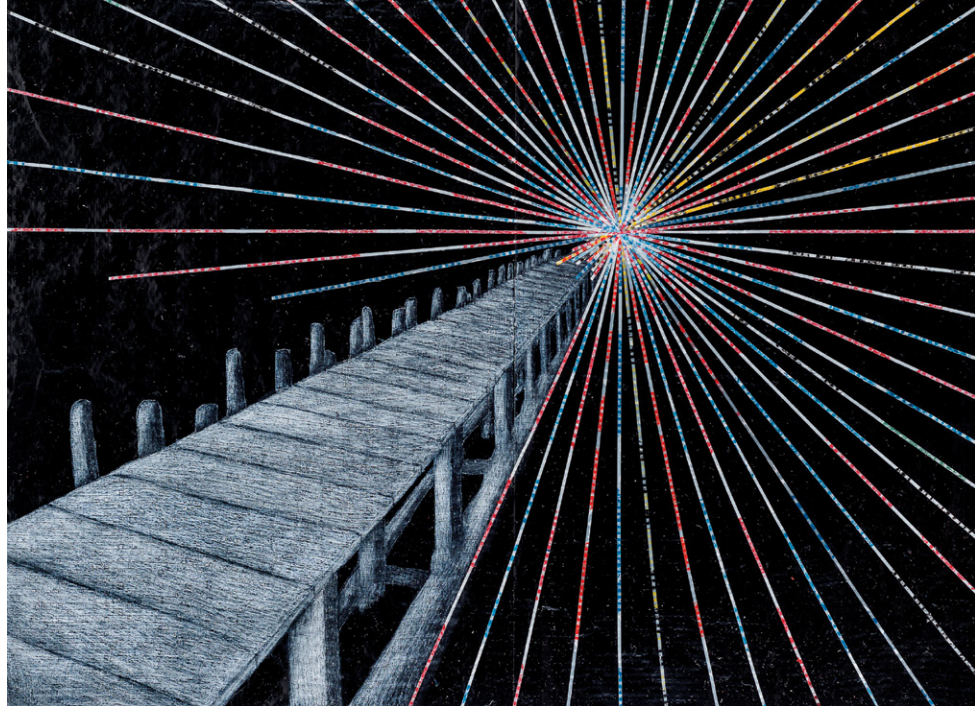
Além do dia a dia, Diego explica que elementos da sua própria vida inspiram suas criações. “A minha infância tem grande influência no que faço hoje. O modo de enxergar as coisas e poder repensá-las, até mesmo por conta da minha condição social, determinou bastante o que faço atualmente. As questões que abordo na minha pesquisa sempre fizeram parte da minha vida”, assevera. Dessa forma, suas maiores influências estão no cotidiano e no cenário social de onde vem. “São as pessoas que viabilizam seu modo de estar no mundo. São os pintores de anúncio em parede ou faixas de ráfia, os pintores de paisagens praianas, os pintores de carroceria de caminhão, entre tantos outros”, diz.



“SEM TABA” - 2021. FOTO: ROBERTO KENNEDY

Aspectos ligados à moradia e ao deslocamento no mundo são as principais temáticas abordadas por Diego, que começou a expor seus trabalhos em 2005 e que possui obras no acervo do Centro Cultural Banco do Nordeste, em Fortaleza, e no Museu de Arte do Rio. Entre suas exposições de grande destaque estão a individual “Poema 193”, na Funarte Brasília; “Casa Carioca”, no Museu de Arte do Rio; “Lar é Onde Ele Está”, no Museu de Arte Contemporânea do Ceará, resultado de uma pesquisa de sete meses no Laboratório de Artes Visuais do Porto Iracema; e sua atual mostra individual “Lost na Região”, no Paço das Artes, em São Paulo.

Quando questionado sobre o atual mercado de arte no Ceará, o artista plástico é categórico:



“ENTRADA FACILITADA” - 2021

“Muito incipiente. Existem muitos artistas e iniciativas incríveis com as quais esse mercado não se relaciona. E entendo mercado como uma aparelhagem ampla, que não se restringe à galeria que comercializa”. Sobre o futuro, ressalta que segue produzindo para exposições no final do ano e, também, para 2023. ●

DESENHO, PINTURA, ESCULTURA, OBJETO, INSTALAÇÃO, VÍDEO E FOTOGRAFIA ESTÃO ENTRE AS LINGUAGENS QUE UTILIZO ATÉ HOJE. A ESCOLHA SE DÁ A PARTIR DOS MATERIAIS DISPONÍVEIS.



SÉRIE UMA DAS PARTES MAS SÃO MUITAS, IGUAIS OU NÃO, DE UM TODO OU NENHUM. 2018.



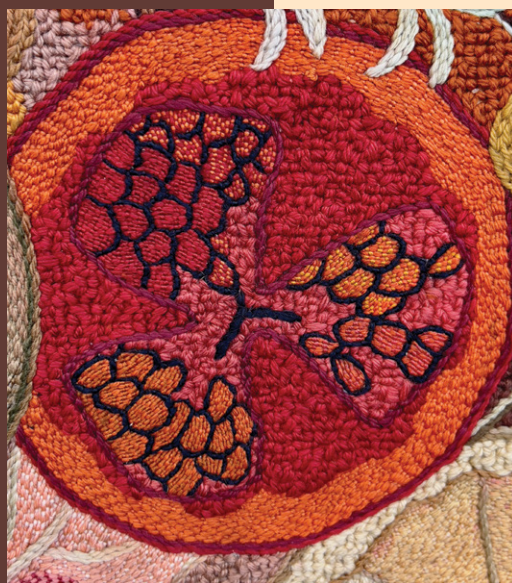
+ SOBRE O ARTISTA

GALERIA
LEONARDO
LEAL

GUIOMAR MARINHO

COM FIOS E AGULHA, PINTANDO AS CORES DA FAUNA E FLORA DO NORDESTE

O ato de tecer atravessa milênios, da pré-história aos tempos atuais. A tapeçaria, denominação usada até hoje, era executada com habilidade por caldeus, assírios, medas, persas e fenícios. No Brasil, a arte da tapeçaria foi bastante difundida pelos franceses e portugueses principalmente no sul do país.



Nascida no Paraná, Guiomar desde mocinha tinha o hábito do bordado, do tecer em tricô, junto com a família nos dias frios da sua terra natal. Mudou-se para Fortaleza em 1954, acompanhando seu marido, de origem cearense, que foi estudar engenharia em Curitiba, onde se conheceram. Em Fortaleza criou raízes, constituiu família e um grande círculo de amigos.

Aqui chegando, logo se encantou com o colorido, a luminosidade dessa terra: as frutas com seus cheiros, sabores e cores, a vegetação e os pássaros, o mar com sua cor e luz características, anos depois, serviram de inspiração para sua arte da tapeçaria. Nas vivências de tantas riquezas do Nordeste, ela foi buscar material para os temas abordados no seu fazer artístico: “Tudo me encantou nesse lugar”, comenta Guiomar.

Durante o período do Governo Tasso, foi convidada a integrar a equipe de desenvolvimento do artesanato do Ceará prestando consultoria e levando treinamento e orientação aos artesãos cearenses pelo interior e litoral do Ceará, o que lhe proporcionou a possibilidade de troca de conhecimento e de experiências, nas suas idas a pequenos e remotos povoados “ou mesmo apenas casinhas de taipa, muitas vezes no meio do nada, onde pessoas simples me



recebiam com imensa alegria e acolhimento”. Aprendeu novas técnicas do tecer e ensinou o que sabia para “mulheres ávidas de conhecimento, criativas, generosas e obstinadas”, comenta Guiomar. “O trabalho de tecelagem artesanal e os trançados de palha sempre me encheram os olhos”. Iniciou sua busca às técnicas da tapeçaria em meados dos anos 60, quando em viagem ao Rio de Janeiro fez curso com Concessa Colaço (Portugal, 1929), radicada no Brasil, filha de Madeleine Colaço (Marrocos, 1907-2001), ambas tapeceiras por tradição familiar, vinda do avô francês. No início a obra de madeleine serviu de inspiração para Guiomar que, rapidamente, definiu seu estilo próprio criando e desenvolvendo pontos e técnicas únicos que, com fios e agulhas pintaram e

teceram a natureza nordestina. Iniciou com a lã, misturou-a a fios de algodão e vieram em seguida os trabalhos mesclando fibras de Buriti, Sisal, Juta e fio de seda. Com esse fios, muitas vezes tingidos com pigmentos naturais, que ela própria desenvolvia, criou texturas e cores diversas para seus desenhos, de coloridos quentes e bem definidos, característicos do Nordeste. Palmeiras, colibris, cajus, filodendros, crotons, hibiscus, inflorescências de palmeiras, animais marinhos, fazem parte do universo de suas tapeçarias. No ano em que completa seus 90 anos, bem vividos e produtivos, no convívio da arte, da família, dos amigos e dos artesãos, seus grandes colaboradores, Guiomar continua criando e dividindo sua arte, seu saber e sua alegria de viver com quem com ela convive. ●



BEATRIZ CARVALHO

ARTE-EDUCAÇÃO E MEDIÇÃO CULTURAL

Consultora, artista, arte-educadora, pedagoga e coach educacional. Mais de 10 anos de experiência com consultoria e coordenação de projetos e eventos culturais para o terceiro setor. Direção, coordenação e logística de eventos artísticos e culturais, de grande porte. Larga experiência na área de arte-educação, atuando como professora e formadora/capacitadora de educadores na área de arte e cultura social. Experiência em projetos interdisciplinares e transdisciplinares, utilizando de recursos educacionais tecnológicos, com vasto repertório de metodologias ativas e híbridas (online e presencial). Atualmente, Beatriz Carvalho, em parceria com Rui Boeira, está desenvolvendo podcasts de Contos e Lendas do Brasil.

O desafio do educativo nos equipamentos culturais espalhados pelo mundo renasce a cada nova exposição, afinal, qual seria a melhor maneira de receber, compartilhar e mediar a exposição em cartaz?

Quais possibilidades de recepção, acompanhamento, mediação e produção artística seriam indicadas? Possíveis? Realizáveis? Neste momento, proponho uma breve reflexão sobre as principais características do público de escolas que visitam os museus.

Conectados aos videogames e às inovações tecnológicas, saem pouco de casa, mas sempre conectados, conversando, jogando, trocando e seguindo influencers digitais. Sem dúvida alguma, jovens com um senso de independência maior, que fazem download de novidades digitais em dois



EXPOSIÇÃO - "BEYOND VAN GOGH: UMA EXPERIÊNCIA IMERSIVA" SÃO PAULO: MAIO, 2022.

cliques, e buscam respostas imediatas no Google. Acostumados com a individualidade, cientes das desigualdades, conflitos sociais e inebriados pela tecnologia. Para Canton, 2009, "a arte provoca, instiga e estimula os nossos sentidos, descondicinando-os, isto é, retirando-os de uma ordem pré-estabelecida e sugerindo amplas possibilidades de viver e de se organizar no mundo". E segue: "nos ensina a desaprender os princípios das obviedades que são atribuídas aos objetos, às coisas. Ela pede um olhar curioso, livre de 'preconceitos' e repleto de atenção".

Aqui, encontramos nosso maior desafio: como propiciar a curiosidade que leva à atenção? Não falo de postura atenta, comportamental, falo da atenção subjetiva, sensível, disponível e livre para acolher memórias, sonhos

DE QUE MANEIRA A CULTURA E A ARTE PRODUZIDA PELO HOMEM EM DIFERENTES TEMPOS E ESPAÇOS PRESENTES EM MUSEUS, PINACOTECAS, ESPAÇOS CULTURAIS E GALERIAS PODEM SE CONSTITUIR EM ESTÍMULO RELEVANTE, SIGNIFICATIVO, QUE CHAME REALMENTE A ATENÇÃO?



PRODUÇÃO ARTÍSTICA - ADOLESCENTE LP / 13 ANOS.

e desejos. De que maneira a cultura e a arte produzida pelo homem em diferentes tempos e espaços presentes em museus, pinacotecas, espaços culturais e galerias podem se constituir em estímulo relevante, significativo, que chame realmente a atenção? Reconhecer, acolher e dialogar empaticamente com o repertório cultural dos grupos que adentram os espaços expositivos, a meu ver, é a chave. A chave para o encontro da arte e do sentido da exposição em cartaz. A chave que localiza e inclui a percepção e o sentido particular de todos. A chave que acorda e aquece o impulso criador e transformador que existe em todos nós. São chamadas de "geração alpha" as pessoas que nasceram após 2010, em um mundo totalmente digital e apresentam como principais características: independência, agilidade, empatia e dificuldade de concentração. Neste momento, pensando e refletindo em diferentes metodologias pedagógicas e possíveis abordagens artísticas aplicáveis pelo educativo de diferentes equipamentos culturais, ecoa em minha mente Mário Pedrosa que diz: "A arte é um exercício experimental de liberdade". Sim, liberdade para circular e percorrer por caminhos próprios o espaço expositivo; liberdade para parar e se ater a um simples traço, forma ou cor. Liberdade para se impactar positivamente, ou não, com a grande obra da exposição; liberdade para gostar, concordar, admirar ou não a linguagem, o material, a poética do artista e sempre, sempre exercer a maior e mais importante de todas as liberdades: a liberdade de fala e troca como e enquanto iguais, ou seja, que o educativo dos mais diversos equipamentos culturais seja um espaço possível e efetivo para o exercício livre de fala e cidadania através do encontro da arte com a criação e produção artística. ●

ARTE RENDEIRA

DOIS ARTESÃOS CEARENSES
ESTÃO ENTRE OS 100
MELHORES DO BRASIL

Herança portuguesa, a renda faz parte da tradição e da cultura cearense. Ofício passado de geração a geração, ela é fonte de ocupação e sustento para milhares de pessoas que vivem do litoral ao sertão de nosso estado.

E são justamente dois representantes desta importante expressão cultural, os cearenses escolhidos para integrar o seleto grupo de vencedores do Prêmio Sebrae TOP 100 de Artesanato.

Iniciativa do Sebrae e do Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB), a premiação visa identificar as melhores práticas no artesanato do país para transformar em referência as 100 unidades mais competitivas, que passam por um processo de melhoria contínua. A quinta edição da premiação recebeu a inscrição de 1.208 artesãos e grupos produtivos de todas as regiões do país.



A PRESENÇA DOS ARTESÃOS CEARENSES ENTRE OS VENCEDORES DO PRÊMIO TOP 100, ALÉM DE RECONHECER A PRODUÇÃO ARTESANAL DO ESTADO, IRÁ CONTRIBUIR PARA TORNAR ESTA PRODUÇÃO AINDA MAIS COMPETITIVA NO MERCADO NACIONAL.

Alice Mesquita

Do Ceará, os escolhidos foram a “renda de bilro” da artesã Maria Zenilce de Souza Gomes, da Associação Conjunta das Agricultoras e Rendeiras de Trairi, no Litoral Oeste do estado, e o artesão Victor Alan Rodrigues Nunes, Associação de Artesãos dos Sítios Ipueiras, Curral Novo e Córrego das Pedras do município de Jaguaribe, com seu trabalho em “renda filé”.

Para a articuladora da Unidade de Competitividade dos Negócios do Sebrae/CE, Alice Mesquita, a presença dos artesãos cearenses entre os vencedores do Prêmio Top 100, além de reconhecer a produção artesanal do estado, irá contribuir para tornar esta

produção ainda mais competitiva no mercado nacional. “O artesanato está presente em todas as regiões do Ceará e a participação de artesãos cearenses no catálogo nacional trará mais visibilidade para o estado e irá incentivar outros grupos a também se organizarem e produzirem artesanatos com diferencial competitivo”.

Ceará

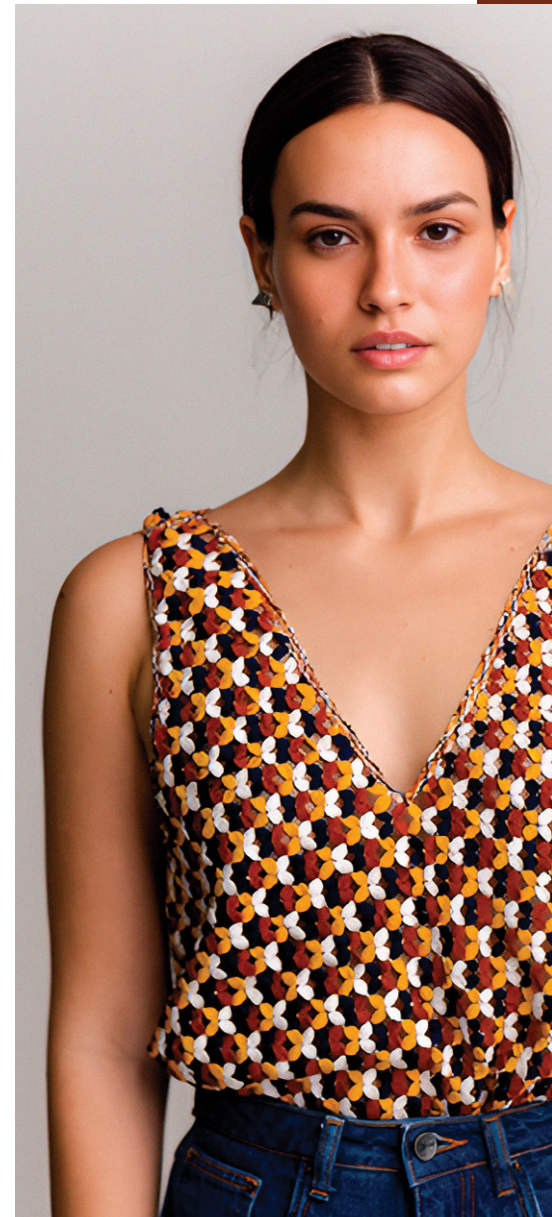
Este ano, o Ceará recebeu um número recorde de inscritos para o Prêmio Sebrae TOP 100 de Artesanato, ficando em segundo lugar entre os estados do Nordeste e o quarto no país. Ao todo foram inscritos 93 artesãos ou grupos produtivos de todas as regiões do estado, número que representou um crescimento de 200% em relação ao total de cearenses inscritos na última edição do prêmio.

Alice Mesquita considera que o aumento expressivo no número de inscritos este ano foi um reflexo do processo de organização obtido pelos grupos de artesanato do estado. “Estes grupos foram se organizando e passaram a ter produtos com mais qualidade e maior valor agregado, inserindo o design e inovação, além da melhoria das práticas de gestão, item que também é avaliado no prêmio”.

Premiação

Podiam participar do Prêmio Sebrae TOP 100 de Artesana-

to, pequenas e microempresas, cooperativas, associações e microempreendedores individuais (MEI) que produzem e comercializam os produtos artesanais. Grupos de produção artesanal não formalizados também puderam participar com o CNPJ de um de seus integrantes.



As etapas de seleção se basearam em oito critérios de avaliação: qualidade técnica, qualidade estética, qualidade simbólica, qualidade de inovação, condições de trabalho, organização da produção, compromisso socioambiental, experiência comercial e estratégias de adaptação. A fase final foi decidida por cinco juradas com notório saber nas áreas de comercialização para o mercado artesanal, turismo, empreendedorismo, artesanato e cultura brasileira, em reunião no CRAB no dia 15 de setembro.

Além do reconhecimento no mercado, o prêmio inclui ainda a produção e lançamento de um catálogo comercial com informações das premiadas e de um conjunto de vídeos sobre as melhores práticas divulgadas no site do Sebrae. ●



+ SOBRE O SEBRAE NO CEARÁ



AMBIENTE PREMIADO CASACOR 2022
ARQUITETA MANOELA CORREA



SCULPT GALERIA

R. PAULA NEY, 650. 85 3224.2401 | @SCULPTGALERIA | @SPAZIODECOR

KRAFT

ESPAÇO CULTURAL

PRODUZINDO, DIVULGANDO
E PROMOVENDO A ARTE
CONTEMPORÂNEA



Cardoso Júnior, Carlus Campos, Marcos Oriá e Alan Mendonça. São esses os quatro nomes que formam o Espaço Cultural Kraft, criado, no ano de 2019, a partir da necessidade de produção, divulgação e promoção da arte contemporânea, em suas mais variadas manifestações.

Logo que surgiu no mercado, a ideia era a de que funcionasse como uma espécie de atelier coletivo composto por oito artistas visuais. “Infelizmente, com o advento da pandemia, causada pelo coronavírus, tivemos as atividades e projetos paralisados. Ainda assim, os artistas mantiveram o espaço físico dos ateliês, mas re-

alizando apenas ações virtuais através de redes sociais, no intuito de se fazer presente no contexto social e no circuito das artes ao refletir sobre o impacto causado pelo cenário vigente à época”, explica Marcos Oriá.

Dentre essas ações, algumas foram destaque, como a exposição “AntiCorpo”, que, por meio de

vídeos curtos, apresentou obras que refletiam, de forma visceral, o momento vivenciado por cada artista durante a pandemia, evidenciando a dor particular de cada um como microcosmo da dor compartilhada por todos os afetados. No atual cenário, a Kraft retomou suas atividades presenciais contando com uma formação mais enxuta. Por meio de exposições, oficinas, cursos, saraus de poesia, lançamento de livros, palestras, encontros e outras atividades culturais, o intuito é o de propor um movimento que transcende o ambiente do ateliê e das galerias para um campo expandido, social e colaborativo.

De acordo com Cardoso Júnior, através das atividades realizadas, eles buscam ocupar um espaço dentro do cenário sociocultural da cidade como fomentadora de ideias e como equipamento que contribua para

a difusão e o crescimento da arte e da cultura. O espaço conta com quatro ateliês, espaço expositivo e espaço para cursos. Além disso, ainda é a sede da Editora Radiadora, conduzida por Alan Mendonça. Para além da bela casa, situada na Rua Itaiçaba, 108, no bairro Meireles, onde fica sua sede, a Kraft também interage com outros espaços da cidade, como na exposição “Multiverso”,

que aconteceu de 6 de outubro a 15 de dezembro, no Espaço Cegás de Cultura. Durante a mostra coletiva, Marcos Oriá, Cardoso Júnior, Carlus Campos e, ainda, a artista convidada Ana Débora Pessoa, exibirão trabalhos em grandes formatos e diferentes suportes, tendo a cor e a irreverência como interseção entre as diferentes linguagens e universos dos artistas. ●

CARDOSO JÚNIOR,
CARLUS CAMPOS,
MARCOS ORIÁ E ALAN
MENDONÇA SÃO OS
QUATRO NOMES QUE
FORMAM O ESPAÇO
CULTURAL KRAFT,
CRIADO NO ANO
DE 2019.



KRAFT ESPAÇO CULTURAL - UM EQUIPAMENTO DEDICADO AO CRESCIMENTO DA ARTE E DA CULTURA CEARENSE



SAIBA +

ARTISTAS QUE INTEGRAM A KRAFT ESPAÇO CULTURAL



ALAN MENDONÇA

Escritor, letrista, dramaturgo, arte-educador, editor e produtor cultural. Foi, por diversas vezes, diretor artístico de discos, espetáculos, feiras, mostras, encontros e festivais. Graduado em Letras e Mestre em Linguística Aplicada pela UECE, é Especialista em Arte e Educação pelo IFCE e Gestor Cultural pela UFC. Coordenou o Café Literário na XII Bienal Internacional do Livro do Ceará. Entre os anos de 2017 e 2019, exerceu as funções de Coordenador do Fórum de Literatura, Livro, Leitura e Biblioteca do Estado do Ceará e de Conselheiro de Literatura no Conselho de Políticas Culturais do Estado do Ceará.

CARDOSO JÚNIOR

Artista visual, designer gráfico, ilustrador e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Fundou e participou do grupo de artistas "Fratura Exposta", na década de 1980. Cardoso Júnior cria uma obra de delirante imaginação que possui um forte impacto visual. O artista também demonstra ser um exímio colorista que presta atenção a pequenos efeitos e a uma elaboração mais delicada. Seu processo criativo se desenvolve a partir da observação daquilo que prosaicamente chamamos de real, aliado ao sonho e à fantasia, não tendo isto como forma de escapismo, mas permitindo, através do jogo livre entre a realidade e a imaginação, que novos conteúdos, que nunca foram acessados, possam emergir.



CARLUS CAMPOS

Carlus Campos é um artista visual que utiliza várias linguagens em suas experimentações, tais como: desenho, pintura, aquarela, gravura e fotografia. Iniciou a carreira em 1987 se dedicando ao desenho gráfico no jornal O Povo. Na década seguinte, a pintura passa a fazer parte dos seus projetos abrindo caminho para participações em alguns salões. Desde 2014, a gravura ocupa considerável espaço em seu trabalho. Em 2017, passa a ser integrante do Coletivo IN-GRAFIKA e, desde 2019, faz parte do Espaço Cultural Kraft.

MARCOS ORIÁ

Marcos Oriá começou a trabalhar profissionalmente com arte contemporânea em 2003. Desde então, tem participado de exposições no cenário artístico brasileiro, além de mostras no exterior, tendo em seu currículo exposições em Portugal e na França. Suas obras têm linguagem contemporânea, sendo produzidas em diversos suportes, como tela, papel e papelão, com a utilização de desenhos em nanquim e posca, além de tinta acrílica e spray. Seus trabalhos falam sobre a fertilidade, a criação e a gênese. Paralelo ao trabalho conceitual, possui séries permeadas de arte urbana, séries que mesclam o imaginário urbano. Além de artista visual, Oriá é também autor e ilustrador de livros infantis.





1	2
3	4



- 1- CARLUS CAMPOS / SEM TÍTULO, ACRÍLICA SOBRE TELA, 150 x 170 cm, 2022.
 2- MARCOS ORIÁ / NADA É SEM QUERER, ACRÍLICA, SPRAY E MARCADOR, 150 x 150 cm, 2020.
 3- ALAN MENDONÇA / O SILÊNCIO POSSÍVEL, ED. RADIADORA, 2017.
 4- CARDOSO JÚNIOR / FIGURAS, ACRÍLICA SOBRE TELA, 90 x 130 cm, 2022.

COLETIVO IN-GRAFKA

PENSANDO A GRAVURA NA
CONTEMPORANEIDADE SEM
SE AFASTAR DAS TÉCNICAS
TRADICIONAIS



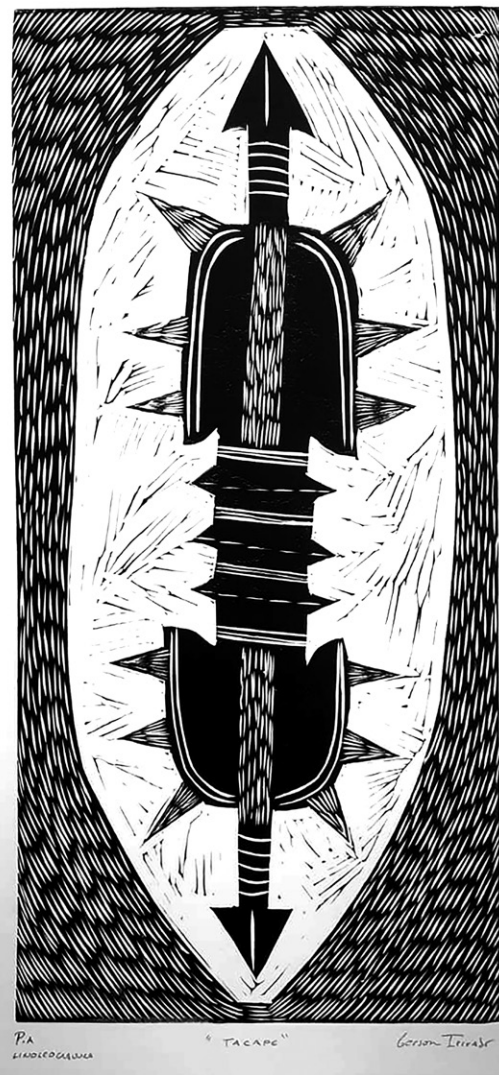
DA ESQUERDA PARA A DIREITA: ZAKIRA NOBRE,
SILVANO TOMAZ, ANDREA DALL'OLIO, SANDRA
MONTENEGRO, GERSON IPIRAJÁ E ZÉ TARCÍSIO.

Em 2016, os artistas Gerson Ipirajá, Silvano Tomaz e Sandra Montenegro decidiram criar o Coletivo In-Grafika com o intuito de pensar o fazer da gravura na contemporaneidade, sem se desvencilhar das técnicas tradicionais. Além disso, o grupo desejava expandir as pesquisas para além dos suportes recorrentes, dialogando, também, com a arte ambiental. Ao longo do tempo, e sempre com um fazer artístico constante, o Coletivo foi agregando outros importantes nomes do cenário artístico. Hoje, conta com seis participantes: Andrea Dall'Olio, Gerson Ipirajá, Sandra Montenegro, Silvano Tomaz, Zakira Nobre e Zé Tarcísio.

Fazer, fomentar e pensar a gravura em nossa cidade estão entre as principais atividades do

In-Grafika. Para isso, utilizam ações formativas, tais como: oficinas, rodas de conversas, palestras em Faculdades e outras instituições. Cada um dos integrantes possui características muito próprias e é exatamente essa miscigenação artística que garante o constante fortalecimento e desenvolvimento do grupo. De acordo com Gerson Ipirajá: “Cada qual com notáveis contribuições para as artes visuais do Ceará e, coletivamente, desenvolvendo suas práticas e poéticas gráficas ativamente. Os integrantes participam de importantes bienais e trienais do circuito de exposições internacionais de gravura e, em muitas destas, logrando êxito e premiação”.

No decorrer dos anos, o Coletivo contou com importantes



GERSON IPIRAJÁ - FERRAMENTAS ANCESTRAIS, LINOLEOGRAVURA, 2019

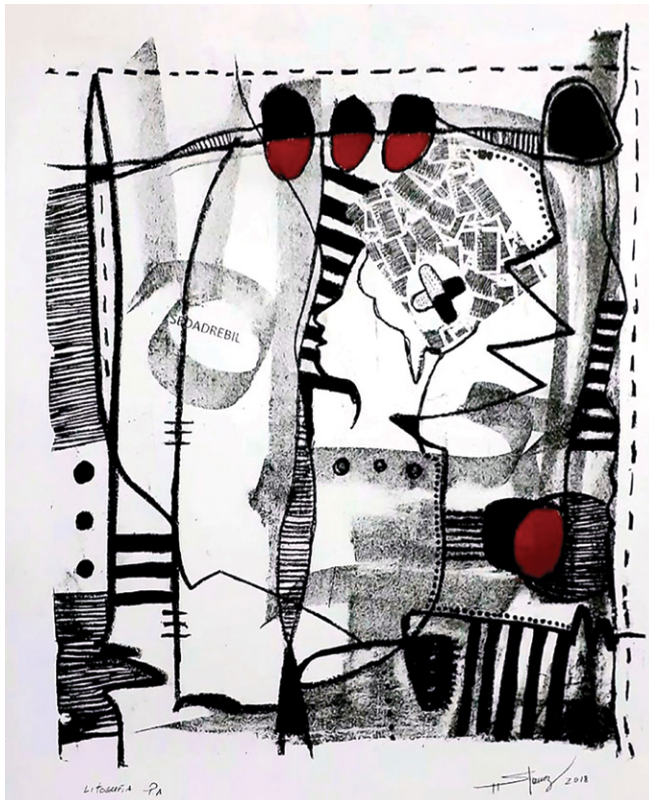


ANDRÉA DALL'OLIO - REVELANDO A LINHA INTERNA, MONOTÍPIA, 2022

FAZER, FOMENTAR E PENSAR A GRAVURA EM NOSSA CIDADE ESTÃO ENTRE AS PRINCIPAIS ATIVIDADES DO IN-GRAFIKA. PARA ISSO, UTILIZAM AÇÕES FORMATIVAS, TAIS COMO: OFICINAS, RODAS DE CONVERSAS, PALESTRAS EM FACULDADES E OUTRAS INSTITUIÇÕES.

contribuições, que agregaram experiência e conhecimentos técnicos. “Mestre Hélio Soares e Miriam Tolpolar; Dante Diniz (saudosa memória), curador e realizador da Galeria Vicente Leite que proporcionou a grande exposição ‘Ocupa In-Grafika’, em 2018; Eduardo Eloy, mestre e fomentador do fazer gravura em nosso estado; Roberto Galvão, entusiasta e incentivador que nos presenteou com suas belíssimas palavras em nossa mais recente exposição (Éramos 5 ... + 1) e os apoios institucionais também conquistados

como a Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho”, destaca Silvano Tomaz. O mais recente trabalho do Coletivo é a edição de um álbum de litografias para ser lançado em breve, em comemoração aos sete anos de existência do grupo. ●



SILVANO TOMAZ - LIBERDADE, LITOGRAFIA, 2018.



ZAKIRA NOBRE - DENTRO DE MIM SÓ BARULHO, SERIGRAFIA, 2022.



ZÉ TARCÍSIO - POSSÍVEIS PAISAGENS, (PROJETO PARA LITOGRAFIA), 2022.

SANDRA MONTENEGRO

OBRAS INSPIRADAS NA
SUBJETIVIDADE E NAS FORMAS
DO SER HUMANO

A fortalezense Sandra Montenegro é uma das fundadoras do Coletivo In-Grafika. Ainda pequena, com apenas cinco anos de idade, foi levada pelos pais para assistir à peça “A Valsa Proibida”, no Teatro José de Alencar.

Logo que chegou em casa, pegou o caderno de desenho da escola e reproduziu todos os atos do espetáculo. Nascia ali Sandra artista, de forma muito natural e inesperada. Ao longo dos anos, ela experimentou diversas técnicas, a citar: óleo sobre tela, aquarela (sobre papel e sobre tecido), desenho, colagem, acrílica e gravura (xilografia, linoliografia e litografia). Hoje, sua dedicação maior é com a aquarela e a gravura.

A cearense tem como maiores influências artísticas os impressionistas pois, segundo conta, gosta de formas não muito definidas, de cores sobrepostas, de transparências e de luz. Com relação ao processo de criação, Sandra revela: “Pinto o que me toca a alma. Posso iniciar com um desenho de observação em meus cadernos para, depois, retomá-los e transformá-los em tela, aquarela ou gravura.



SANDRA MONTENEGRO - TALENTO ARTÍSTICO NASCIDO NA INFÂNCIA.

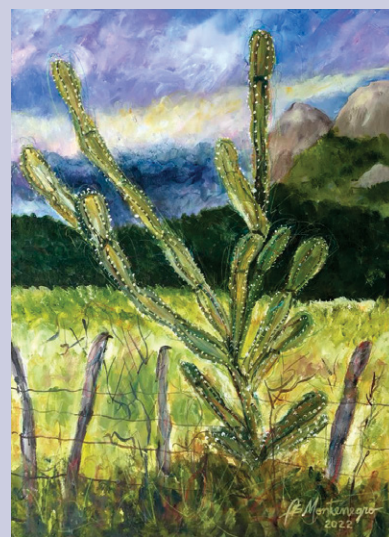
Não há uma regra. Às vezes, uma tela em branco, um papel em branco, uma pedra calcária (litografia), me instigam a preenchê-los com cores, linhas e formas”. Sandra diz que escolhe os temas de suas obras tendo como inspiração a subjetividade e as formas do ser humano. Ela revela que tem predileção por pintar a figura humana, as flores e a natureza em geral. “As flores são fontes de interesse para meus trabalhos, pois gosto da diversidade, das nuances de cores. Viajar, sair do cotidiano, respirar outros ares me inspira”, diz. Outro tema bastante recorrente em seu trabalho é o feminino e tudo que envolve o assunto. Quando questionada sobre as maiores dificuldades do início da carreira, a artista plástica aponta que a maior delas foi ser reconhecida como uma artista mulher em um meio

onde predomina o artista homem. “Estou bem confiante que algo está em mudança, percebo mais artistas mulheres no cenário da cidade se projetando e se firmando, escrevendo seu nome, deixando sua marca no mundo das artes. Não citarei nenhum nome para não cair no erro de esquecer de alguém. E que venham mais”, assevera. Atualmente, Sandra se dedica à exposição de “50 Anos de Arte”, que acontece em dezembro, no MAUC, com curadoria de Andrea Dall’Olio. “Em 1972, ganhei o 1º prêmio no Salão dos Novos, promovido pela Prefeitura de Fortaleza; peguei essa data como marco para celebrar. Para o futuro, quero continuar a aprender, me dedicar ainda mais a esse ofício tão prazeroso que é a arte. E, claro, fortalecer a prática da gravura através do nosso Coletivo In-Grafika”, finaliza. ●

“PINTO O QUE ME TOCA A ALMA. POSSO INICIAR COM UM DESENHO DE OBSERVAÇÃO EM MEUS CADERNOS PARA, DEPOIS, RETOMÁ-LOS E TRANSFORMÁ-LOS EM TELA, AQUARELA OU GRAVURA”.



CRAVOS EM ROSA - ACRÍLICA SOBRE TELA, 100 x 80 cm, 2022.



PRIMEIRAS CHUVAS - ACRÍLICA SOBRE TELA, 70 x 50 cm, 2022.



BEIRA MAR - AQUARELA SOBRE PAPEL, 15 x 27 cm, 2022.

Fashion
gourmet

Agora, além de design
e novas tendências,
você também encontra
os melhores sabores
na CasaCor.

Serviço exclusivo de Catering
Fashion Gourmet na CasaCor 2022.
Os melhores sabores juntos com
a vanguarda do design de ambientes.



Acesse o QR Code
e fale com a gente.

99924.1116

fashiongourmetbuffet



Acervos UNIFOR

RARIDADES DAS ARTES E
DA LITERATURA MUNDIAL

Nacionalmente reconhecida como uma das maiores fomentadoras da apreciação da arte, a Universidade de Fortaleza (Unifor), ao longo dos anos, trilhou um sólido caminho de estímulo às manifestações artísticas e à cultura. Seguindo esse caminho, a Fundação Edson Queiroz colocou à disposição do público em geral a Biblioteca Acervos Especiais. Localizada no primeiro piso da Reitoria da Unifor, a biblioteca conta com um acervo de cerca de 12 mil volumes, que além das áreas de Artes e Literatura, também comporta temas como História, Direito, Pareceres Jurídicos e Manuscritos, ilustrações originais de artistas nacionais e estrangeiros, além de primeiras edições de clássicos da literatura brasileira com assinaturas e dedicatórias de autores.

O local é dividido em dois espaços. O primeiro recebe livros correspondentes à parte da biblioteca particular de Francisco Matarazzo Sobrinho (Ciccillo Matarazzo), um dos principais mecenas da história do Brasil e fundador do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC/USP) e criador da Bienal Internacional de São Paulo. Ao todo, são aproximadamente 3 mil exemplares. Já a segunda sala abriga demais livros adquiridos pela Fundação Edson Queiroz, além de doações. Eles são considerados especiais, pois se diferenciam de alguma forma. São raros, pela encadernação, pela data, pelo autor ou mesmo pelo histórico da coleção, quem era o colecionador, o ex-proprietário/ex-dono ou o organizador, por exemplo.



Dentro da rara coleção de livros que pertenceu a Ciccillo Matarazzo é possível encontrar a primeira edição, datada de 1750, da “Opere Varie di Architettura”, de Giovanni-Batista Piranesi, considerado o maior gravador do século 18. A obra traz a série completa de gravuras dos cárceres de Roma. Também presente,



COMPOSTA POR UM ACERVO ESTIMADO DE 12 MIL VOLUMES VOLTADOS PARA AS ARTES, A BIBLIOTECA REÚNE OBRAS CONSIDERADAS RARÍSSIMAS.

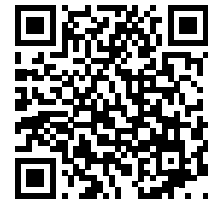
está a primeira edição, de 1835, da “Malerische Reise in Brasilien”, do ilustrador alemão Moritz Rugendas. O volume é composto por 100 litografias que retratam características físicas, hábitos e costumes da população brasileira. Edições assinadas por modernistas como Marc Chagall e Max Ernst também compõem a coleção. Também merecem destaque “Menino de Engenho”, de José Lins do Rego, com ilustrações originais de Cândido Portinari. O álbum “Miserere”, do artista Georges Rouault, com 58 litografias de grandes dimensões e “As Vidas dos Pintores, Escultores e Arquitetos”, de Giorgio

Vasari, pintor e arquiteto italiano conhecido principalmente por suas biografias de artistas italianos. Outra presença importante para a composição é a coleção da Sociedade dos Cem Bibliófilos, formada pelos 23 volumes realizados na época, o que a torna completa.

Estes livros contêm algo artístico, como uma ilustração ou uma encadernação mais antiga e trabalhada com iluminuras. Há livros de história em que as ilustrações são feitas com pigmento de ouro. Livros com aquarela feita à mão, com gravuras originais.

Já no restante da biblioteca estão presentes livros raros como o Incunábulo Quadragesimale Gritsch Una (1489), de Johannes Gritsch; Dante con L'espositioni di Christoforo Landino (1578); Geschichte in Brasilien (Maurício de Nassau), de Gaspar Barleus (1659); Castrioto Lusitano, de Raphael de Jesus (1679), além de livros especiais de Direito. Outros destaques são as publicações do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de 1840 a 1964; o Arquivo da História do Ceará organizado por Thomaz Pompeu Gomes de Matos; e o acervo de Francisco Pati, escritor, advogado e conselheiro da Bienal Internacional de São Paulo. “Visitar a Biblioteca de Acervos Especiais e se debruçar sobre seu acervo é como descobrir tesouros sucessivamente, um após o outro. A diferença é que esses tesouros não estão escondidos, tudo está ao alcance de quem se dispuser a explorá-los. O valor artístico e histórico das obras aqui reunidas se deve não só ao talento de seus autores ou editores, nem apenas ao período em foram produzidas, mas principalmente à beleza e riqueza de conteúdo que

apresentam. Uma dica: quando visitarem, peçam para ver o livro de Dom Quixote ilustrado por Salvador Dalí; é divino”, sugere o chefe da Divisão de Arte, Cultura e Eventos da Unifor, professor Thiago Braga.



+ SOBRE O ACERVO UNIFOR

RESTAURO E CONSERVAÇÃO

Muitos dos livros da biblioteca precisaram passar por um processo de restauração. Em um acervo tão rico, a manutenção nunca para. Por esse motivo, a Unifor criou o Setor de Conservação e Restauro. O local trabalha com a conservação preventiva e a conservação reparadora ou restauro. “Tudo vai depender do diagnóstico que fazemos da obra”, explica o restaurador Luís Gerônimo. De acordo com Luís Gerônimo, inicialmente as obras passam por um processo de higienização, em uma mesa específica para este fim. Depois, é feita uma ficha técnica com todas as características físicas do livro e o que deve ser feito, caso ele necessite de maiores intervenções. “Quando identificamos insetos, por exemplo, precisamos desmontar o livro, caderno por caderno. Em alguns casos, é preciso um banho químico para recuperar a fibra”, fala Francisco Gomes, também restaurador. Entre os procedimentos destinados ao tratamento, resgate estrutural e recuperação do livro estão a realização de remendos, aplicação de lombadas, remoção de fungos e ferrugens, reestruturação de suportes, remontagem, costura, reforços, velaturas e encadernação. A restauração artística é um trabalho meticuloso, que exige habilidade e paciência. “Temos livros de mais de 500 anos. Imagine só pelo que ele já passou!”, observa Francisco Gomes. Vale ressaltar que a biblioteca é mantida em condições especiais para evitar a degradação dos livros. Climatização constante, ambientação e mobiliário adequados, limpeza com procedimentos e materiais especiais, inspeção contra presença de insetos, confecção de caixas para guardar obras mais sensíveis, entre outras medidas. O trabalho de restauro dos livros da Biblioteca de Acervos Especiais é contínuo e não se esgota, dado o grande volume de obras do acervo.



DANTE CON L'ESPOSTIONI DI CHRISTOFORO LANDINO, ET D'ALESSANDRO VELLVTELLO, 1578.

ALGUMAS RARIDADES DO ACERVO

COLEÇÃO: SOCIEDADE DOS CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL

Em 1943, o empresário Ottoni de Castro Maya decide criar uma sociedade de bibliófilos na cidade do Rio de Janeiro. A Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil tinha como objetivo realizar edições de livros com alta qualidade gráfica. Cada edição tinha uma tiragem de 120 exemplares dos quais cem eram distribuídos entre os membros da sociedade e os outros vinte eram enviados para as principais bibliotecas do país e do exterior.

Faziam parte da comissão executiva da sociedade D. Pedro de Orleans e Bragança, Afrânio Peixoto e Ottoni de Castro Maya. Entre os membros estavam Carlos Lacerda, Walter Moreira Salles, José Midlin, Francisco Matarazzo Sobrinho, Yolanda. Este livro é composto por trechos escolhidos de Dom Quixote, de Cervantes, e 12 litografias originais, somadas a técnicas como aquarela e colagem, do artista Salvador Dalí. Com uma tiragem de 197 volumes, este foi o primeiro livro ilustrado por Dalí. Editado por J. Foret Penteadó, Roberto Marinho, Israel Klabin, entre outros. Podemos considerar os livros publicados pela Sociedade como livros de arte. Suas principais qualidades são: edições de tiragem limitada, numeradas, cujos ilustradores são artistas convidados de renome nacional. As edições possuem beleza tipográfica e são realizadas em papéis de alta qualidade, selecionados especialmente para a impressão. **Entre os autores estão Jorge Amado, Euclýdes da Cunha, Manuel Bandeira, Lima Barreto, Olavo Bilac, Machado de Assis, Mario de Andrade. Entre os ilustradores, Candido Portinari, Djanira, Poty, Di Cavalcanti, Iberê Camargo e Maciej Babinski.**

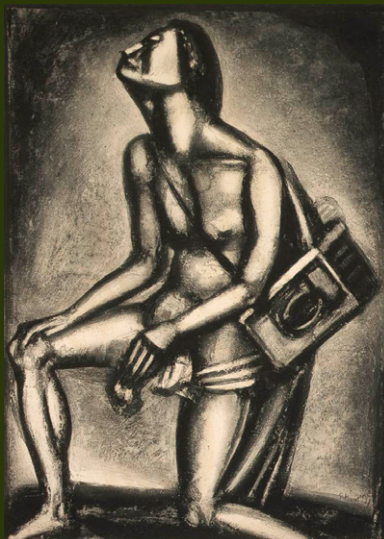
**Dante con L'espositioni
di Christoforo Landino,
et D'Alessandro Vellvtello, 1578**

Esta edição reúne os dois comentários mais importantes do Renascimento sobre a Divina Comédia, de Dante: o de Christoforo Landino, celebrando a redescoberta de Dante pelos florentinos após dois séculos de esquecimento e o comentário de Alessando Vellutello, que ilustra a passagem da tradição florentina para interpretação moderna. O livro é composto por 96 figuras gravadas em madeira, reproduzidas na edição de 1544. O retrato do título é atribuído a Vasari ou foi copiado de uma pintura por Vasari.



**Don Quichotte de la Manche:
lithographies originales par
Salvador Dalí, 1957**

Este livro é composto por trechos escolhidos de Dom Quixote, de Cervantes, e 12 litografias originais, somadas a técnicas como aquarela e colagem, do artista Salvador Dalí. Com uma tiragem de 197 volumes, este foi o primeiro livro ilustrado por Dalí. Editado por J. Foret.



Miserere, Georges Rouault, 1948

A série de gravuras foi encomendada ao artista Georges Rouault originalmente como um dos inúmeros projetos de livros ilustrados, concebidos pelo negociante parisiense Ambrose Vollard. A obra deveria ter sido constituída por 100 pranchas. Acabou sendo formada por 58. Miserere transmite o legado espiritual de Georges Rouault. O tema sofrimento humano, que conecta cada imagem, se relaciona intimamente com a visão espiritual do artista. É, simultaneamente, uma acusação da crise espiritual de Rouault na França, que encontrou sua criação em uma época marcada pelo niilismo de Nietzsche e culminou em um governo republicano anticlerical.

**Geschichte in Brasilien,
Gaspar Barleus, 1659**

A obra é uma das mais significativas do chamado Brasil Holandês, constituindo uma das três versões existentes do texto de Gaspar Barleus, famoso humanista holandês do século XVII, sobre o governo de Maurício de Nassau.

Esta tradução alemã é mais rara do que a segunda edição, em latim, publicada pelo mesmo impressor. Contém um relato da vida de Nassau após sua partida do Brasil, inexistente em outras edições.

**Opere Varie di Architettura,
Giovanni Battista Piranesi, 1750**

Piranesi foi um artista italiano famoso pelas suas gravuras da cidade de Roma e pelas imaginativas e atmosféricas gravuras de prisões. As "Prisões" consistem numa série de 16 gravuras onde figuram enormes subterrâneos, escadarias, monumentais e máquinas de grandes dimensões. São estruturas labirínticas de dimensões épicas, mas aparentemente vazias de propósito e função. As "Prisões" de Piranesi são visões originais e pessoais que se encontravam, em termos de expressão artística, à frente de seu tempo. Constituíram uma importante influência no aparecimento posterior dos movimentos Romântico e Surrealista.

**Arquivo Thomaz Pompeu e a História
do Ceará, a partir do século XIX**

O jornalista e fotógrafo Thomaz Pompeu Gomes de Matos reuniu livros e pastas fotográficas que contam a história do Ceará em aspectos especiais como retratos das cidades, famílias tradicionais, acontecimentos marcantes e figuras como coronéis e cangaceiros.

SERVIÇO

**Biblioteca Acervos Especiais
Prédio da Reitoria - 1º andar**

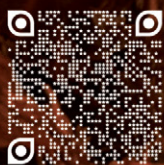
As visitas devem ser agendadas
Horário: 8h às 12h e 14h às 18h
(segunda-feira a sexta-feira) e
sábados mediante agendamento
85 3477.3823



COLEÇÃO CARRÉ
Mariana Teixeira

Das telas para o tecido

Toda superfície é um sublime convite para a arte. Na Coleção Carré, trago das telas para o tecido, harmonias e cores que são convite para vestir a alma com peças autorais e exclusivas, como a vida sempre deve ser.



@marianateixeira.arte

Peças disponíveis



@baobartes



@casabayusha

WILLIAM MOPHOS

RELAÇÕES
VISUAIS E
EMOCIONAIS
EM SUPERFÍCIES
INUSITADAS



Os olhos de um artista, muitas vezes, enxergam o que, para muitos, passa despercebido. É exatamente isso que William Mophos nos mostra. Nascido em São Bernardo do Campo, São Paulo, é o filho mais novo de quatro irmãos. Na infância, sempre foi um garoto tímido e introvertido. Muito inventivo, desde bem pequeno, criava narrativas e personagens imaginários, mas sempre teve o desenho como melhor amigo. O envolvimento com a pintura começou, de fato, quando tinha quatorze anos de idade. Entre 2015 e 2018, começou a ter um forte contato com a arte de rua. Foi nesse momento que percebeu que muitos materiais não reciclados e abandonados poderiam ter outro fim, ou seja, o “lixo” poderia dar lugar à diversidade e à beleza. Para ele, tudo pode virar arte: azulejo, lajota, cimento, madeira ou mesmo

barro. Foi assim que surgiram as séries “Elemento Urbano” e “Memórias Episódicas”, que apresentam cenas cotidianas de grandes metrópoles expressas em materiais coletados nas ruas de São Paulo. Em seu processo criativo, o artista pesquisa fotografias específicas que se encaixam em suas ideias, desenha a peça por meio de simulações virtuais e segue para a pintura em si, trabalhando com tinta acrílica e pincéis sintéticos, tudo para modelar seu acabamento realista, na predominância das cores preta, branca e cinza.

Para William Mophos, é como se os revestimentos falassem, tivessem cheiro, sentimento, texturas ou fossem fragmentos de tempo. “Com eles, a vaga lembrança de uma cena que marcou a nossa infância: aquele aniversário memorável, o desenho que foi para a parede, o brinquedo que passou por gerações, o bicho de estimação preferido,



DORA

o abraço de um primo, o verão na casa da avó querida, as histórias em família”, pontua. Para ele, o que importa é fazer com que as obras gerem reflexões e debatam temáticas tanto sentimentais quanto sociais.

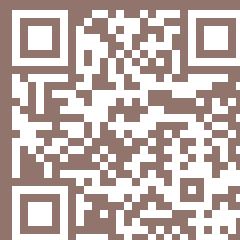
A série “Álbum de Infância”, sua mais atual pesquisa, é fruto de resgate de memórias e recordações esquecidas em seu inconsciente. Para sua concepção, Mophos

resgata elementos da infância, explorando situações afetivas que geram identificação em todos nós e provocam sensações de aconchego, carinho e leveza. As liberdades de interpretação contidas em cada novo trabalho elaborado pelo artista é o que, para ele, torna-se o ponto crucial para que discussões sejam geradas sobre temas que impactam e influenciam a vida de todos.●

SUA BRINCADEIRA ESTÁ EM CONCEBER IMAGENS QUE TENHAM RELAÇÕES VISUAIS E EMOCIONAIS EM SUPERFÍCIES INUSITADAS.



ABRAÇO



+ SOBRE O ARTISTA



MEU PRIMEIRO GRADIENTE

EDUARDO FROTA

UTOPIA PARA UM
MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA:
GEOMETRIA IMPERFEITA
/ CAVIDADES DILATADAS

Por Jacqueline Medeiros

O trabalho do artista Eduardo Frota, **Geometria imperfeita / cavidades dilatadas**, realizado de maio a outubro deste ano, foi projetado especificamente para ocupar todo o espaço interno do Museu de Arte Contemporânea do Ceará - MAC-CE. O artista considerou o conceito da Instituição enquanto um museu de arte contemporânea por constituição e ponderou sua inflexão na cidade de Fortaleza. Se o museu é de arte contemporânea, o processo do trabalho do artista precisa ser aberto e fazer com que altere o sentido simbólico desse lugar. O Museu, por 22 dias, foi ateliê de Frota para a execução do seu projeto realizado no limite do gesto reduzido e exaustivamente repetitivo nas questões espacial e temporal. Cada espaço expositivo requer uma solução para o problema da obra de arte. No processo de criação de Geometria imperfeita / cavidades dilatadas, Frota

recorreu a suas inúmeras anotações nas cadernetas e nas paredes da sua casa que orbitam seu pensamento e, durante a execução do projeto, soluções foram surgindo, se incorporaram ou foram eliminadas. Há também um dado político de negociações intensas entre instituição e artista para que o trabalho aconteça, o que demanda um tempo incalculável. É uma atitude insistente que pode chegar ao limite do esgaçamento entre desejo e possibilidade, tanto da Instituição quanto do artista. No entanto, isso faz parte das obras de Frota que afirma a arte ser uma invenção na qual ele cria um problema para resolver. O artista deslocou o MAC-CE e o público do lugar da formatização cotidiana para dizer que há outras maneiras de pensar a arte fora de estereótipos e modismos de mercado: "O que eu faço é um complicador para o mercado, como nesse trabalho do MAC que não trouxe uma obra de arte que eu possa vender". O pouco que foi vendido, resto das paredes descascadas pelo artista, carimbadas e assinadas durante os encontros que ele realizou no Museu, confirma o impasse do que pode ser arte.

Fotos: Luiz Alves



O MUSEU, POR 22 DIAS, FOI ATELIÊ DE FROTA PARA A EXECUÇÃO DO SEU PROJETO REALIZADO NO LIMITE DO GESTO REDUZIDO E EXAUSTIVAMENTE REPETITIVO NAS QUESTÕES ESPACIAL E TEMPORAL.

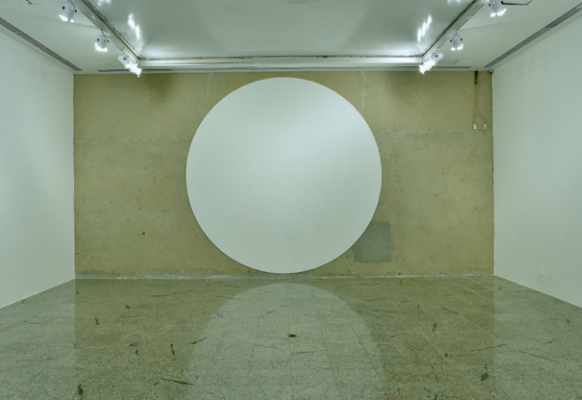
O plano das superfícies do espaço expositivo do Museu foi o suporte da intervenção artística, aconteceu sem mediação de suportes, mas entre o gesto artístico e o corpo do museu, na superfície do plano das paredes internas, tratando-as como uma pele, retirou as suas camadas de tinta e chegou na profundidade do corpo arquitetônico, desenhando formas geométricas, ou seja, na ampliação física e imagética do espaço do museu.

Esse corpo, que também é o do público em uma relação direta diante da grande escala dos desenhos, compõe dimen-

sões recorrentes nos trabalhos interventivos de Frota. A série Associações Disjuntivas aconteceu no Alpendre Espaço de Arte em Fortaleza, em 2010. Todas as camadas da galeria, chegando ao tijolo, e todo o material foi pesado, ensacado, assinado pelo artista e vendido como obra de arte por preços módicos.

Da mesma forma, no Museu do Trabalho em Porto Alegre (2016), Eduardo reconfigurou o sentido de trabalho. Retirou janelas, portas de banheiros públicos, vidraças e escada. Transformou-os em matéria artística. A mostra foi uma espécie de recorte no espaço expositivo:

uma escada fora de lugar, portas soltas de suas dobradiças e apresentadas como superfícies pictóricas, vidros retirados das janelas. Com esses gestos calculados, o artista redesenhou o espaço inundado a sala com imagens que normalmente não costumamos ver e os bastidores do museu invadiu a sala de exposição. Já no Museu FAMA, em Itu-SP 2018, escolheu o Galpão do Urubu. Escava formas que confrontam, invadem, alteram ou incorporam na arquitetura daquele espaço. O seu gesto é de apropriação. Suspende vidros, pedras e outros objetos do galpão. Escava, desconstrói e abre



uma fenda no telhado. Remove o chão e a terra para construir um lago azul que trouxe o céu refletido na terra. Na 1ª lição da geometria: o quadrado / da imperfeição física à desobediência incorporada, realizada em um espaço autônomo em Fortaleza, Frota mudou a topologia do espaço do cubo branco, instaurou um quadrado geométrico que provocou um movimento de torção na estrutura física das salas expositivas e esgarçou a dinâmica de funcionamento da programação do espaço de arte. Os quatro troncos de eucalipto reflorestado atravessaram as duas salas expositivas, complementados pelo piso coberto de brita que unificou, deu volume e sensorialidade à obra instalada. Com a intervenção no MAC-CE, Frota escava uma utopia possível de uma maneira mínima e consegue dilatar o espaço físico museal. Não se trata de destruição, mas uma desconstrução e reconstrução que não se sabe onde começa ou termina. Uma ação que altera a simbologia do espaço com o corpo, portanto é uma ação que não é somente retiniana e nem um trabalho que no único olhar o espectador consegue ver sua totalidade. A geometria branca das paredes



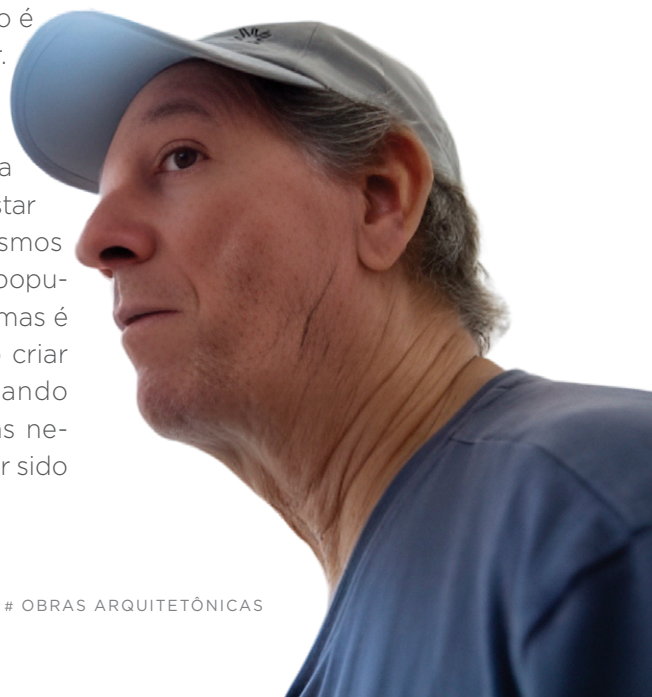
são monocromos sem ponto de fuga. Enquanto o espectador pergunta ao trabalho o que é isso, o trabalho responde e questiona sobre quem você é. No entanto, não há obra de arte enquanto objeto, o público procura e ao não encontrar perde o eixo, gera incômodos e atordoa porque é uma intervenção silenciosa e imersiva. Na contínua busca da obra materializada, chega-se nas bordas das geometrias, na linha entre o plano do reboco e o da figura geométrica, mas o que se vê não é possível nominar com facilidade e o público é forçado a refletir e a se ver. O silêncio fala e é tão importante quanto dolorido para muitas pessoas. Frota escolhe a geometria por estar em todo lugar, nos grafismos indígenas, na arquitetura popular que é desqualificada, mas é orgânica e inteligente ao criar os puxadinhos reinventando espaços a partir das suas necessidades e, na arte, já ter sido



explorada em toda sua história ocidental. É o paradoxo da arte que vive de mostrar o mundo na sua contradição de existência.●



+ SOBRE O ARTISTA



ARTE CONTEMPORÂNEA DO CEARÁ



MARIANA FURLANI
ARTE CONTEMPORÂNEA

15 ANOS PROMOVENDO ARTE E CULTURA



EXPOSIÇÕES CURSOS LIVRES PALESTRAS

Inaugurada em 08 de Novembro de 2007, a Galeria Mariana Furlani, surge em meio ao cenário das Artes da cidade de Fortaleza com a proposta inovadora de ser um local de múltiplo uso das expressões artísticas do Estado. Com 4 salões de exposições intercalados por um jardim central. O acervo é constituído de múltiplas linguagens como: desenho, pintura, fotografia, arte têxtil, técnicas mistas. Propõe atividades culturais como cursos de desenho, pintura e história da arte para crianças e adultos. A Galeria MFAC fica no coração da Varjota, bairro boêmio que reúne charme, gastronomia e integra o corredor de compras da Av. Dom Luís, em Fortaleza.

Rua Canuto de Aguiar, 1401, Meireles

Contato: (85) 98894-1206

mfac.eventos@gmail.com | [@galeriamarianafurlani](https://www.instagram.com/galeriamarianafurlani)

DESENHOS DE BANDEIRA

EXPOSIÇÃO REALIZADA NA SCULPT GALERIA

Artigo / Pedro Boaventura
Arquiteto e professor

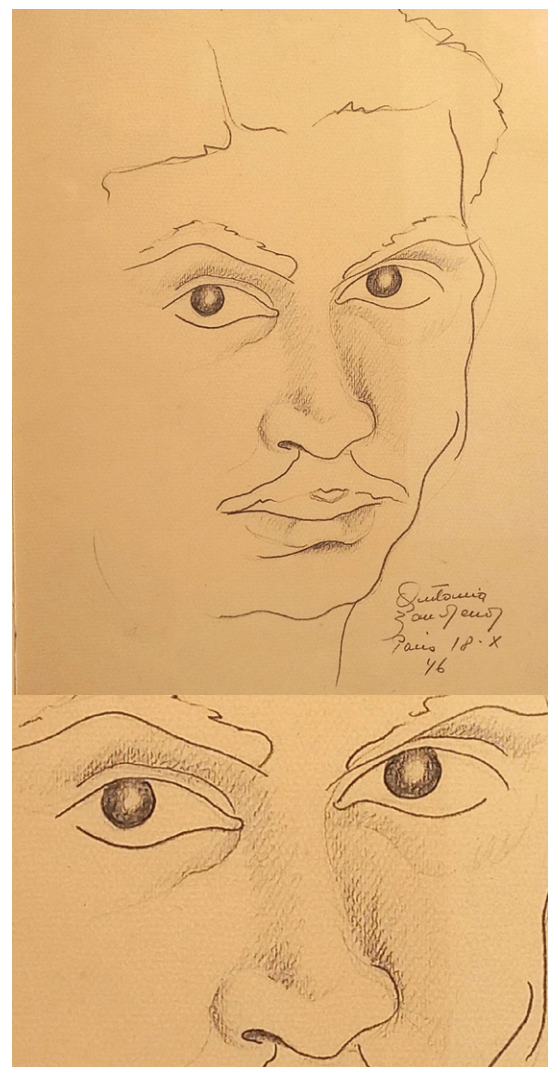
No dia 25 de agosto último, a Sculpt Galeria, por iniciativa do empresário e colecionador Rodrigo Parente, com expografia de Tulio Paracampos e curadoria de Kadma Marques, inaugurou a exposição **Desenhos de Bandeira**, oportunidade para conhecer uma prática pouco divulgada do artista, além de experiências de grafismo e gravura.

As obras faziam parte de um lote que restou no ateliê parisiense de Bandeira, adquirido pelo empresário e colecionador Monteiro Soares em 1973 e reunia trabalhos a óleo, guaches, aquarelas, desenhos, além de matrizes inéditas que deram origem a um álbum póstumo de gravuras. De início, é preciso dizer que o artista foi expressionista até 1945, quando recebeu uma bolsa de estudos da Embaixada da França, lá residindo entre 1946 e 1948, transformando-se no pintor abstrato que conhecemos. De início, chama atenção a variedade de técnicas - desenhos a lápis,

caneta e aguada de nanquim, esferográfica, aquarela, guache, serigrafia, monotipias - de contextos -, estudos, obras finalizadas, desenhos em correspondências - e suportes -, variados tipos de papel, folhas de jornal - um conjunto heterogêneo que não relacionamos de imediato a ele.

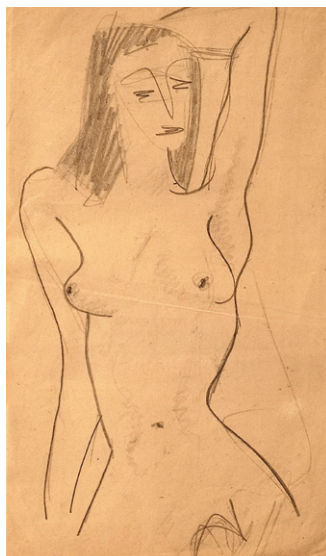
O autorretrato expressionista que abre a exposição nos encara hipnoticamente com um olhar forte, sensível e resignado. O rosto é formado de linhas fluídas, espontâneas, fortes e escuras que não completam os contornos, em diálogo com um acabamento delicado de traços leves e paralelos, como as sombras que se aprendem na academia. Esse contraste dialético revela um artista moderno capaz de fixar fisionomias com espontaneidade e intensidade psicológica, mas também um clássico que gradua uma ampla escala de cinzas e aproveita a textura do papel como elemento gráfico do sombreado.

AUTORRETRATO - GRAFITE SOBRE PAPEL
FABRIANO - 1946 - 24 X 31CM - IAB2165



Na sequência, três nus femininos contam outra história. Dois deles são estranhamente sensuais, com técnica e estilo semelhante ao autorretrato; o terceiro é estilizado e vigoroso, beirando o abstrato. Enquanto nos primeiros se vê a mulher, no outro, só a impessoalidade de um manequim. Percebe-se aqui a transformação do desenho expressionista familiar e figurativo, para a uma quase abstração fria e poderosa; uma heroína sem face que me remeteu à Iracema Guardiã (1965), criada pelo seu amigo Zenon Barreto, com quem partilha o mesmo caráter arquetípico.

Percebe-se, aqui, a transformação do desenho expressionista familiar e figurativo, para uma quase abstração fria e poderosa.



DESENHO SEM TÍTULO ANOS 40
32,5 X 50 CM - IAB 2174

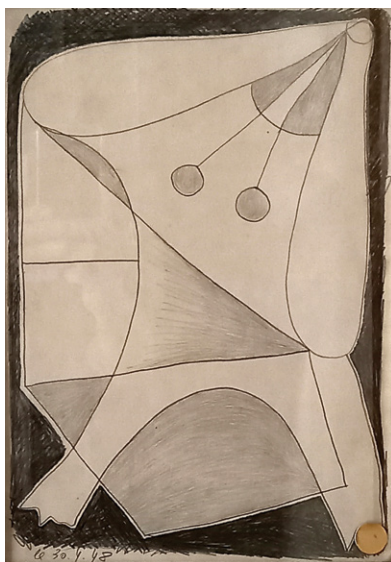


ESTUDO ANOS 50
32,5 X 50 CM - IAB 2169



IRACEMA GUARDIÃ - 1965

A mesma evolução se observa em outros desenhos, mas através de estilização diferentes, com efeitos muito expressivos. Alguns, realizados no período parisiense, sugerem que Bandeira pesquisava no campo outros artistas, no esforço de se testar em novas linguagens e atualizar-se, podendo-se ver claramente ecos de Klee e Picasso. A experimentação contínua do pintor também se estendeu ao desenhista.



DESENHOS - C. 1950 - 19 X 27 CM - IAB 2152;



DESENHO - 1947 - 21 X 27 CM

EXPOSIÇÃO
DESENHOS DE
BANDEIRA,
OPORTUNIDADE
PARA CONHECER
UMA PRÁTICA
POUCO DIVULGADA
DO ARTISTA, ALÉM
DE EXPERIÊNCIAS
DE GRAFISMO E
GRAVURA.

Na segunda parte da mostra, os desenhos completam a metamorfose para a abstração, destacando-se uma obra feita pela repetição de um tipo de carimbo e uma aguada de nanquim, radicalmente simples e de grande expressividade minimalista, um dos melhores trabalhos. Experiências de monotipia e mistura de técnicas (serigrafia, nanquim, guache, aquarela) também compõem o leque de pesquisas nesta fase e a fronteira entre desenho e pintura é instigantemente imprecisa.



DESENHO - CA. 1960 - 32 X 25 CM - IAB 2148



DESENHO - CA. 1950 - 61,5 X 21,5 CM - IAB 2150

DE INÍCIO, É PRECISO DIZER QUE O ARTISTA FOI EXPRESSIONISTA ATÉ 1945, QUANDO RECEBEU UMA BOLSA DE ESTUDOS DA EMBAIXADA DA FRANÇA, LÁ RESIDINDO ENTRE 1946 E 1948, TRANSFORMANDO-SE NO PINTOR ABSTRATO QUE CONHECEMOS.

Por fim, a exposição apresenta o conjunto de gravuras em metal, inicialmente impressas em 1978 por ação da artista Anna Letycia que se referiu a elas como as de "...um mestre do desenho. Sutilíssimas! Sensibilíssimas!", opinião endossada pelos artistas Livio Abramo, Frans Krajcberg e Djanira da Motta e Silva. As gravuras compõem um livro de arte, executado por uma equipe curatorial e técnica de alto nível e acompanhadas de um poema de Carlos Drummond de Andrade. São obras delicadas e sutis, microcosmos de traços, pontilhados e texturas que, a cada

gravado, se arranjam de maneira nova e criativa. Apesar dessa variedade, o conjunto é homogêneo e uma agradável fluência gráfica as interliga. Pode-se ver o tema de cidade e casas, alusões a árvores e bosques, além de figuras estilizadas e, nesse sentido, elas têm um nítido pendor figurativo, ainda que muito desconstruído. Duas se distinguem pela temática de casinhas, peixes, algas, ondas e jangadas flutuando em dança qual um canto de saudade pelo Ceará e onde uma sereia alencarina, mimetizada na confusão, aparece para proteger. ●

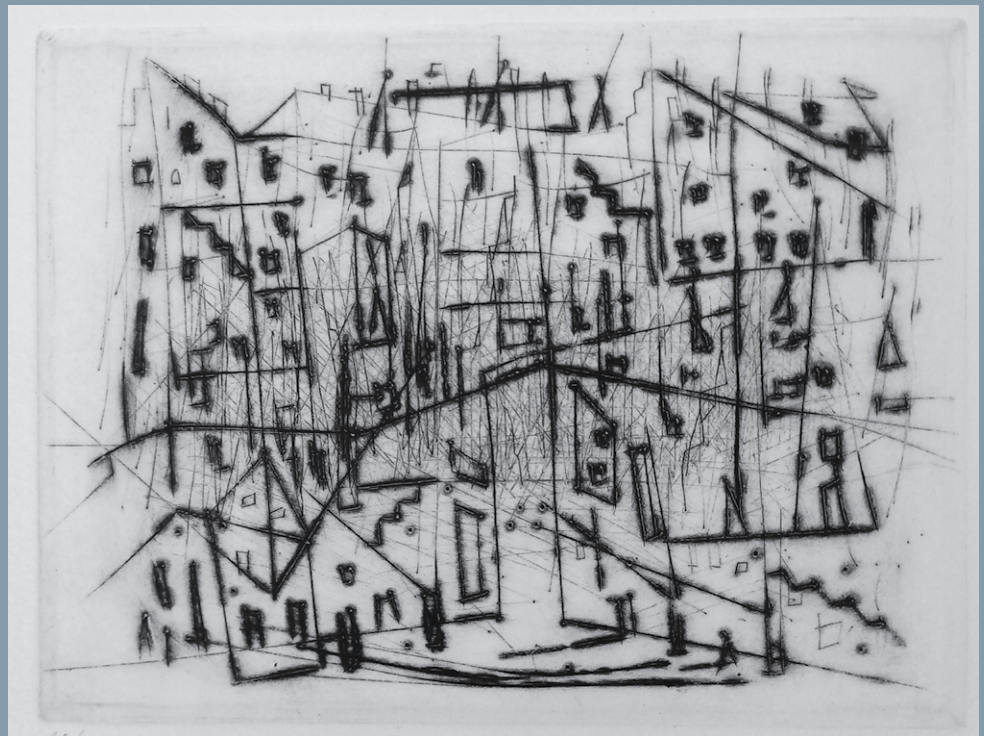


DESENHOS DE BANDEIRA

E assim deixamos a mostra com uma sensação nova, impressionados com a contínua experimentação de Antônio e enigmatizados pelo

“[...] espaço gracioso
Em que seu sonho move
E liberta e comove
A essência dos objetos
Não sei que ultra-secretos
Enigmas e doçuras [...]”

GRAVURAS EM METAL -
DIMENSÕES VARIADAS



WELTON SILVA

SENTIMENTOS,
SONHOS, COTIDIANO E
ESPIRITUALIDADE



+ SOBRE O ARTISTA

Nascido no município cearense de Ipueiras, Welton Silva teve os primeiros contatos com a arte ainda jovem. Com apenas doze anos de idade começou a representar, por meio de desenhos, cenas de parentes que moravam fora de sua cidade natal, que haviam ido tentar a vida longe, em busca de sonhos e de novas oportunidades. Além disso, a própria cidade era fonte de inspiração, uma vez que o garoto também costumava retratar os monumentos e as casas. Com o passar dos anos, Welton formou-se em pedagogia mas nunca deixou a arte de lado. Com isso, logo percebeu que o que começou como passatempo poderia, de fato, virar profissão.

Foi nesse momento que decidiu que precisava se dedicar ao tema, estudando e buscando cada vez mais conhecimento e capacitação. Em Fortaleza, estudou desenho e pintura com os artistas Vavá Azin e Vando Figueiredo, dois grandes nomes do cenário artístico. Com todos os ensinamentos e sempre com grande aptidão e dedicação, logo que voltou a Ipueiras passou a lecionar arte, inspirando um grande número de pessoas que nem sequer poderiam trabalhar com isso. Seres humanos e seus



OBÁ-OBÁ

sentimentos, sonhos, detalhes do cotidiano e espiritualidade estão entre os temas mais recorrentes em suas obras, que chamam atenção pelo colorido e pela beleza. Com relação às técnicas, aposta na simplicidade, com óleo, acrílico e pastel. Para ele, a verdadeira beleza está no simples, no corriqueiro, no que pode ser visto a partir de um novo olhar. “Respiro, penso e vivo arte vinte e quatro horas por dia”, diz. Welton já participou de

diversas exposições coletivas em municípios do interior do Ceará, como Ipueiras, Nova Russas, Sobral, Quixadá, Juazeiro do Norte e Aracati, e, ainda, em Fortaleza. Seus trabalhos fazem parte de acervos públicos e privados, entre eles: Ministério da Fazenda e Secretaria da Assistência Social de Ipueiras. O artista nunca deixou Ipueiras. Atualmente, é representado pelas Galerias Mondrian e Veronese, ambas na capital cearense. ●

WELTON FORMOU-SE EM PEDAGOGIA MAS NUNCA DEIXOU A ARTE DE LADO. COM ISSO, LOGO PERCEBEU QUE O QUE COMEÇOU COMO PASSATEMPO PODERIA, DE FATO, VIRAR PROFISSÃO.



VIA PARIS NOSTALGIA

SANDRAS

CARLOS OTÁVIO



+ SOBRE O ARTISTA

ARQUITETURA E ARTES
PLÁSTICAS: CONEXÕES
QUE REPRESENTAM
SENSIBILIDADE E FORÇA

A arquitetura é uma forma genuína e forte de arte, uma vez que trata de elementos como design, equilíbrio de formas e relação com a história. Nascido no Ceará e formado em Arquitetura e Urbanismo, Carlos Otávio decidiu mesclar as áreas e realizar um trabalho sensível e criativo, reconhecido no Brasil e, também, em outros países. Desde muito cedo, percebia uma forte inclinação para o segmento artístico. Aos quinze anos, começou a formação com a professora Jane Sanders, dedicando-se às áreas de desenho publicitário, gravura e pintura. “Participei do Prêmio Pirelli de pintura jovem e fui premiado. A partir daí, foram vários prêmios e participações em mostras no Brasil inteiro. Algumas, também, de acesso restrito, como a Fundação Mokiti Okada e Calouste Gulbekian. Fui pré-selecionado para a Bienal de São Paulo. Na época, a curadora nacional era Estela Teixeira de Barros”, recorda.



EXPLOÇÃO / GRAVURAS EM LINÓLEO, 40 x 35 cm, 2020



SÉRIE DESENHOS DE RUA / ACRÍLICA SOBRE EUCATEX, 185 x 184 cm, 2007

Apesar da forte relação com a arte, quando adolescente, no momento de optar pelo curso superior, conta que percebeu que seria necessário escolher uma graduação que o possibilitasse unir todas as suas aptidões. Nesse período, também, Fortaleza ainda não contava com graduação na área de arte. Foi nesse momento que a opção pela arquitetura se mostrou. Segundo explica,

a visão do mundo através da arte é o grande diferencial no seu processo criativo. Para ele, a construção é, acima de tudo, tecnologia e ciências exatas. “Mas o que é a arquitetura senão uma construção com alma e com um olhar criativo?”, questiona.

No final da década de 1980, montou, na casa dos pais, um pequeno escritório. Lá, traçou os primeiros desenhos e iniciou

AOS QUINZE ANOS, CARLOS OTÁVIO COMEÇOU A FORMAÇÃO COM A PROFESSORA JANE SANDERS, DEDICANDO-SE ÀS ÁREAS DE DESENHO PUBLICITÁRIO, GRAVURA E PINTURA.

diversos projetos. Com dedicação, organização e talento, conseguiu criar a Carlos Otávio Arquitetos, escritório com sede no bairro Aldeota, na capital cearense, que conta com projetos comerciais e residenciais e com ativa participação em mostras de arquitetura e design. Atualmente, a empresa conta com três sócios, além de Carlos, Mirella Barbosa e Marcello Moreira. Quinze pessoas, entre arquitetos, parte administrativa e estagiários integram a equipe de colaboradores. Apesar

de todo o sucesso profissional com a arquitetura, Carlos Otávio nunca deixou sua paixão pela arte de lado. Pouco antes da pandemia, resolveu buscar novos ares e mudou-se para Portugal. No novo país, o sonho de trabalhar fortemente com a arte voltou a fazer parte de sua vida. Para isso, participou, novamente, de uma oficina de gravura na cidade de Almada, na conceituada escola Ar.co. Sempre buscando retratar a verdadeira essência dos sentimentos, Carlos realiza obras

figurativas, com forte presença de cores, a partir do desenho de crianças de rua. “Sempre procuro as expressões mais puras e naturais, transformando em matéria os momentos de ruptura e reconstrução”, diz. Vivendo na ponte aérea entre os dois países, vindo ao Brasil a cada três meses, o arquiteto e artista plástico vem realizando uma produção regular, com o intuito de fazer com que mais pessoas conheçam sua forma tão peculiar de fazer arte e encarar a vida. ●



SÉRIE ALMADA I E II / ACRÍLICA SOBRE EUATEX,
130 x 110 cm, 1987



RECOMPOSIÇÕES I E II / COLAGEM E TÉCNICA MISTA SOBRE
PAPEL, 100 x 70 cm, 2022

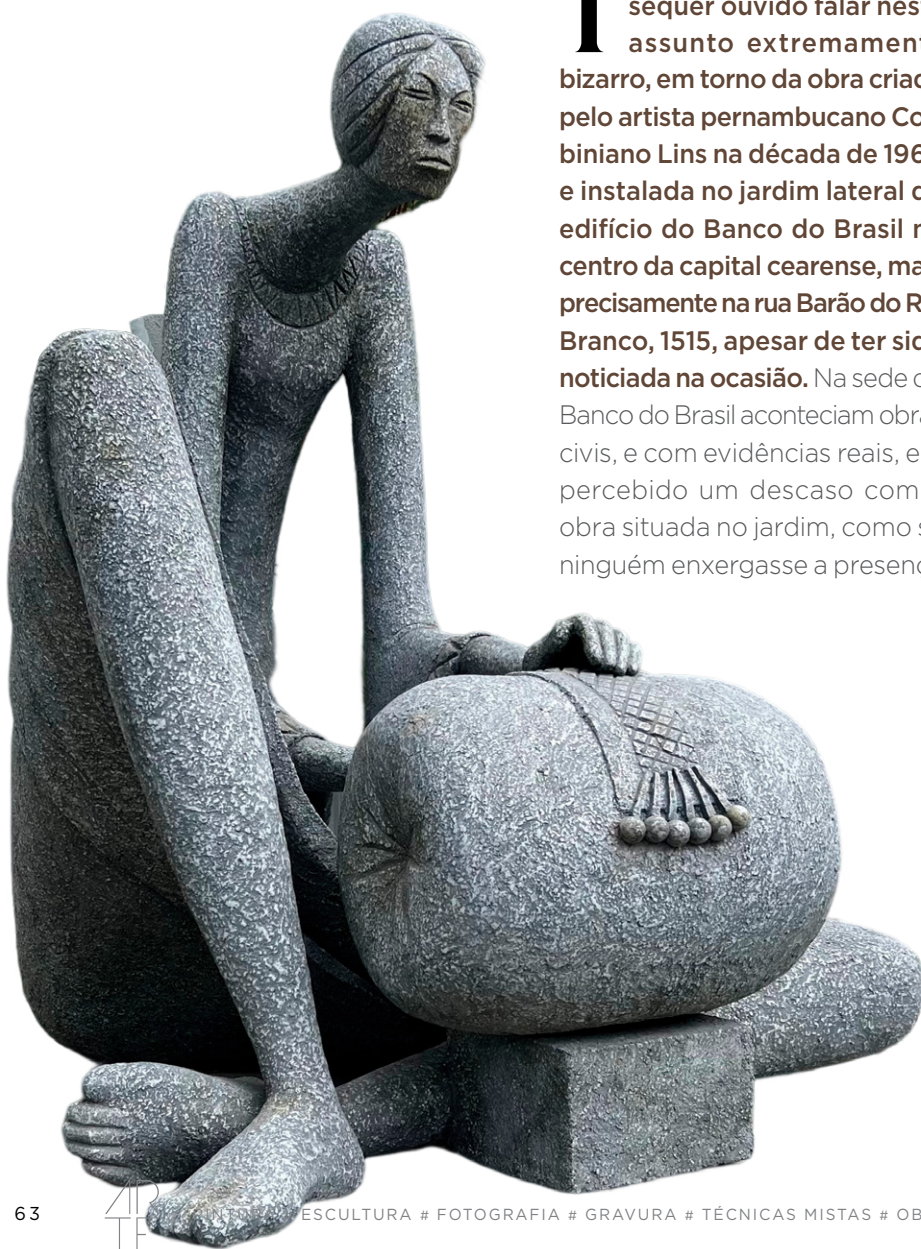
TANIA VASCONCELOS

UM FINAL FELIZ PARA
O CASO DA MULHER RENDEIRA

Talvez muitos não tenham sequer ouvido falar neste assunto extremamente bizarro, em torno da obra criada pelo artista pernambucano Corbiniano Lins na década de 1960 e instalada no jardim lateral do edifício do Banco do Brasil no centro da capital cearense, mais precisamente na rua Barão do Rio Branco, 1515, apesar de ter sido noticiada na ocasião. Na sede do Banco do Brasil aconteciam obras civis, e com evidências reais, era percebido um descaso com a obra situada no jardim, como se ninguém enxergasse a presença

da escultura em alusão à mulher rendeira ali homenageada, diante de tudo e de todos. Alguns olhares mais atentos, principalmente de pessoas sensíveis às artes, começaram a publicar registros de maus tratos e desrespeito para com a obra, com entulhos e materiais ensacados deixados sobre a própria escultura, mas certamente não imaginavam o que estava por vir.

Coincidentemente, era um período complicado, estávamos passando por uma fase crítica da pandemia pela Covid-19, era maio de 2020, mais especificamente dia 29 de maio, quando a questão teve seu momento mais trágico. Naquele dia, uma sexta-feira, a obra de arte Mulher Rendeira foi retirada de sua base a marretadas: isto mesmo e assim mesmo e assim mesmo. E os destroços jogados em um “container” ali ao lado. Um tanto, ou completamente, chocante para os que têm a mínima sensibilidade artística ou respeito pelas obras em todas as suas formas de expressão. Vale, ainda, salientar que sempre se tratou de uma escultura de consideráveis dimensões e relevante porte.





SITUAÇÃO DA ESCULTURA NO CANTEIRO DE OBRA E PARTES RESGATADAS DO “CONTAINER”

Uma obra que habitava o jardim deste edifício desde 1966 quando a mesma foi adquirida pela instituição. E ainda se trata da representação de uma figura humana feminina estilizada ou caricaturada que representa uma atividade laboral e cultural cearense reconhecida por gerações. Não há como se ter confundido, como se fosse uma obra abstrata de volumes não identificados. Não havia e não há como se entender uma ação daquela natureza.

Não demorou muito para que alguns poucos transeuntes naquele período de “lockdown” na cidade comessem a perceber o desaparecimento da obra e a notícia corria entre interessados no assunto. Lembro bem de ter recebido várias mensagens e algumas ligações, e a sensação

era de que mais alguém havia partido, de uma forma absurda e incompreensível. Apesar de todas as cautelas, fui ao local no sábado pela manhã constatar pessoalmente algo que eu não conseguia entender ou acreditar que pudesse estar acontecendo. Como assim... derrubaram a escultura? Como assim... a marretadas? Por que simplesmente não transferiram de local? Ou por que não a doaram? Por que destruir a obra da Mulher Rendeira do Corbiniano Lins ou do Banco do Brasil? Foi doloroso, e o final de semana bem longo. Afinal, quem havia resgatado? Que alívio quando por volta do final da manhã de segunda-feira começam a circular as notícias de que foram localizados os destroços. Nem imaginávamos como uma notícia

destas causaria tanta alegria, talvez por não imaginarmos algo tão sem propósito! Contudo, e por questões de destino e muita sorte, como que por um passe de mágica, passou ali mesmo, na hora certa e pelo local certo, um homem sensível às artes. Sem entender o que ocorria, ele viu os destroços da escultura jogados no “container” e simplesmente indagou se poderia recolher já que estavam descartados. E assim, de forma muito sábia, o homem recolheu a cabeça da Mulher Rendeira e seguiu em sua bicicleta para logo retornar em sua “kombi” e buscar as demais partes que conseguiu recuperar. Realmente quase inacreditável o modo inusitado com que foram recolhidas as peças.

No entanto, ao se situar melhor e perceber a grandeza da questão, o herói José Viana, preferiu aguardar a segunda-feira para realizar um boletim de ocorrência, e só então anunciar a boa-nova. Os destroços da Mulher Rendeira estavam, em sua maioria, salvos, e a esperança de revermos a estimada expressão artística novamente erguida ressuscitou!

A partir de então, se iniciou uma jornada árdua e incisiva para que fossem reparados os estragos e a obra, plenamente restaurada. Outra grande sorte, era que tudo isto ocorria em uma instituição que tem uma vasta ligação com a cultura e arte através, principalmente, dos seus Centros Culturais instalados pelo país. No processo, a comunidade contou com o apoio

A PARTIR DE ENTÃO,
SE INICIOU UMA
JORNADA ÁRDUA E
INCISIVA PARA QUE
FOSSEM REPARADOS
OS ESTRAGOS E A
OBRA, PLENAMENTE
RESTAURADA.

do IAB - Instituto de Arquitetos do Brasil, seção do Ceará, que chegou a redigir um documento destinado às competências superiores do Banco do Brasil, vislumbrando tanto o retorno da obra ao seu habitat como a adequada restauração a ser executada com o máximo rigor.

Corbiniano Lins, autor da “Mulher Rendeira” já não está entre nós. Partiu em 2018, aos 94 anos, mas deixou responsável, e preparado para assistir ao seu legado, seu filho Chico Lins. No comando do ateliê e oficina do artista, ele tem a devida competência para restaurar as obras criadas por seu pai e, naquele momento, era exatamente ele a única pessoa que poderia reparar a tragédia.

Muito importante atentarmos para todas as questões de manutenção das obras artísticas, e aqui cito de forma especial as obras nos espaços urbanos, públicos ou privados, que fazem parte do cotidiano dos transeuntes e da população como um todo. Estas



ESCULTURA DA MULHER RENDEIRA DEVIDAMENTE RESTAURADA - BARÃO DO RIO BRANCO, 1515 - CENTRO

obras permeiam e participam da vida, resgatam memórias afetivas e são figurantes do nosso dia a dia, merecedoras de muito respeito, atenção e os devidos cuidados quando se tratam dos seus restauros. A competência para a execução deve ser delegada a profissionais com o devido notório conhecimento para tanto.

Foram muitas idas e vindas, muitas negociações, contudo Chico Lins executou um magnífico trabalho e felizmente esta específica história conseguiu chegar

a um final feliz com a escultura sendo reinstalada, na primeira quinzena de Maio de 2021, antes da tragédia completar um ano. Felicidade sem dimensões para os que percebem e se sensibilizam com o poder que a arte tem de emocionar amplamente. Continuemos a espalhar Arte! ●

Tania de Freitas Vasconcelos

Arquiteta e Urbanista
Docente e pesquisadora do
Departamento de Arquitetura
e Urbanismo e Design da
Universidade Federal do Ceará

Foto: Beatriz Bley



ÉLCIO BATISTA
VICE-PREFEITO DE
FORTALEZA

A REVISTA ARTE
PRETENDE SE COLOCAR
COMO UM LUGAR NO
QUAL DESCORTINAMOS
A “ARTE CEARENSE”,
EM BUSCA DA
HISTÓRIA CULTURAL E
TECNOLÓGICA QUE FEZ
EMERGIR OS “NOSSOS
ARTISTAS”.

EM BUSCA DE UMA ARTE CEARENSE

O substrato da produção artística é a cultura e a tecnologia. A cultura material, simbólica e espiritual fornece os elementos constituintes dos indivíduos e das mentalidades, definindo os contornos em que se dará o processo criativo.

Ela informa e “deforma” as percepções, os limites - de toda ordem - são tensionados e as influências exógenas incorporadas e metamorfoseadas. Já a tecnologia - que é o conhecimento transformado em objeto e experimentação para os sentidos - determina de muitas formas os caminhos para o fazer artístico.

A combinação entre cultura e tecnologia faz emergir um campo estético, rico em percepções, sensações e emoções. Este campo é um empreendimento que se constitui a partir das pessoas imersas em suas realidades, experiências e contatos. Ele é construído como um campo de saber e de poder, a partir de palavras, textos, lugares, intervenções e narrativas.

A Revista Arte pretende se colocar como um lugar no qual descortinamos a “arte cearense”, em busca da história cultural e tecnológica que fez emergir os “nossos artistas”. Este empreendimento arqueológico intenciona descobrir através dos percursos e trajetórias dos “mestres” - legitimados pela tradição e pela técnica -, algo que nos faz “autênticos” ou “universais”, por estarmos em sintonia com o tempo ou à frente deste (vanguardas). A partir do binômio vida e obra sabemos “como” foi tecida a realidade do “eu” e do “nós” e as combinações entre o local, o regional, o nacional e o mundial. Voltar ao passado para compreender o presente e antecipar o futuro (pretensão demais?) aspira a Revista Arte. É fato que a existência de uma “arte cearense” é um tema em aberto e com páginas ainda a serem preenchidas. ●



No Hotel Sonata de Iracema,
temos arte até na hora de lhe
receber.

dua gmeira
Espaço Cultural



AT Home



Faça sua reserva
e aproveite.



★ Reservas: +55 85 4006.1616
★ Fone: +55 85 4006.1600
★ WhatsApp +55 85 99273.3950

www.hotelsonata.com.br

Av. Beira Mar, 848
Praia de Iracema - Fortaleza/Ce - Brasil



Estudar na melhor muda o jogo

Inscrições abertas 2023.1

GRADUAÇÃO
PRESENCIAL



UNIFOR.BR

GRADUAÇÃO
EAD



UNIFOR.BR/EAD



**UNIVERSIDADE
DE FORTALEZA**